



**Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa
Stricto Sensu em Educação**

**AS CONTRIBUIÇÕES DA EXTENSÃO
UNIVERSITÁRIA PARA O PROCESSO DE
APRENDIZAGEM, A PRÁTICA DA CIDADANIA
E O EXERCÍCIO PROFISSIONAL.**

**Autor: Jacildo da Silva Duarte
Orientador: Prof. Dr. Luiz Síveres**

**Brasília-DF
2014**

JACILDO DA SILVA DUARTE

**AS CONTRIBUIÇÕES DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA PARA O PROCESSO
DE APRENDIZAGEM, A PRÁTICA DA CIDADANIA
E O EXERCÍCIO PROFISSIONAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação da Universidade Católica de Brasília, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Educação.

Orientador: Dr. Luiz Síveres

**Brasília
2014**

D812c Duarte, Jacildo da Silva.

As contribuições da extensão universitária para o processo de aprendizagem, prática da cidadania e exercício profissional. / Jacildo da Silva Duarte – 2014.

102 f.; 30 cm

Dissertação (mestrado) – Universidade Católica de Brasília, 2014.

Orientação: Prof. Dr. Luiz Síveres

1. Educação. 2. Aprendizagem. 3. Cidadania. 4. Extensão universitária. 5. Formação profissional. I. Síveres, Luiz, orient. II. Título.

CDU 378



Dissertação de autoria de **Jacildo da Silva Duarte**, intitulada “As Contribuições da Extensão Universitária para o Processo de Aprendizagem, Prática da Cidadania e Exercício Profissional”, apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação da Universidade Católica de Brasília, em 19 de março de 2014, defendida e aprovada pela banca examinadora abaixo assinada:

Prof. Dr. Luiz Síveres
Orientador

Prof. Dr. Geraldo Caliman
Examinador Interno

Prof. Dr. Marcos Aurélio Fernandes
Examinador Externo

Brasília
2014

À minha mãe, e à memória de meu pai que não mediram esforços para que eu tivesse oportunidade de receber a formação escolar que eles não tiveram, por terem me estimulado a continuar muitas vezes, quando não dava para prosseguir. A minha esposa Reny Maria, que soube fazer críticas pertinentes e me estimular quando eu precisei de apoio. Aos meus filhos Duarte Henrique, Álvaro e Jônatas que me ensinam todos os dias a recomeçar quando as coisas não dão certo, pois esperam sempre o meu exemplo.

À memória de meu amado filho Matheus.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por seu amor e cuidado reservados a mim.

Ao Dr. Luiz Síveres, pela paciência, pelo cuidado de sua orientação, por ter mostrado o caminho a seguir quando a estrada acabou, por ter oferecido material para embasamento teórico e pelo banco de dados que serviu de base para esta pesquisa.

Aos professores, Dr. Geraldo Caliman e Dr. Marcos Aurélio Fernandes, por aceitarem participar da banca examinadora, quando o tempo para conferência do trabalho era exíguo.

Aos professores do Programa de Mestrado e Doutorado da Universidade Católica de Brasília que esmeraram para me capacitar para realização deste trabalho.

Ao MsC. Aurélio Rodrigues da Silva, por sua participação direta com seu ótimo trabalho sobre A Contribuição da Extensão na Formação do Estudante Universitário.

Aos meus familiares, que acreditaram em mim e pelo estímulo para prosseguir.

Ao meu especial sobrinho Cezar Augusto por suas inestimáveis lições para que eu pudesse usar corretamente as ferramentas do Windows e Office, da Microsoft.

A você que contribuiu para meu crescimento, que me estimulou, saiba que sem seu apoio eu não teria conseguido, obrigado.

Todos nós sabemos alguma coisa.
Todos nós ignoramos alguma coisa. É por isso que
aprendemos juntos

Paulo Freire.

RESUMO

DUARTE, Jacildo da Silva. **As Contribuições da Extensão Universitária para o Processo de Aprendizagem, a Prática da Cidadania e o Exercício Profissional.** 2014. 102 f. Dissertação do Programa de Mestrado em Educação da Universidade Católica de Brasília, Brasília-DF.

O presente trabalho tem caráter investigativo visando destacar as contribuições da Extensão Universitária no processo de aprendizagem, prática da cidadania e atuação profissional, para os alunos dos cursos de graduação das Instituições Comunitárias de Ensino Superior – ICES envolvidas no projeto de extensão, a partir das informações obtidas com as respostas oferecidas pelos alunos. Optou-se por fazer o levantamento dos dados com base em questionário semiestruturado com sete perguntas gerais e destas foram eleitas três que respondessem especificamente aos três eixos propostos. Após a análise, as respostas obtidas foram agregadas em três categorias principais e em subcategorias de maneira que respondessem às questões. O trabalho foi realizado com suporte teórico de obras que discutem o assunto agrupados em duas categorias principais: as que fundamentaram teoricamente, incluindo livros e diversos artigos, e os que descrevem experiências de desenvolvimento de projetos de Extensão Universitária. O trabalho foi concluído com a análise dos dados levantados, quando se verificou que a Extensão Universitária tem papel relevante no processo de aprendizagem, traz contribuições significativas na atuação dos estudantes na prática da cidadania e reflete positivamente na atuação profissional dos graduados. Além disso, constatou-se também que a Extensão Universitária é uma das formas eficientes de disponibilizar para a comunidade o saber construído no âmbito acadêmico atendendo questões pontuais e uma das atividades que contribuem positivamente para eliminar as barreiras existentes entre o academicismo da universidade e o acesso à informação pela sociedade na qual se insere a instituição de ensino, sem que isso constitua-se em assistencialismo.

Palavras-chave: Aprendizagem. Atuação profissional. Cidadania. Extensão Universitária. Projeto de Extensão.

ABSTRACT

The present study has investigative features in which aims to detach the contributions of Academic Extension in the learning process, the practice of citizenship and professional practice to undergraduate students from ICES involved in the extension project from the information obtained from the responses provided by the students. A survey data was done based on a semi structured questionnaire with seven general questions, and three from these ones were chosen to answer the proposed topics. After checking the obtained answers, they were grouped into three main categories and subcategories in order to answer the questions. The study was performed with theoretical support from articles that discuss the subject grouped in two main categories: those that theoretically substantiated, including books and several articles and the ones who describes experiences in development of projects in Academic Extension. The study was concluded with the analysis of a survey data. It was verified that the Academic Extension has relevant meaning in the learning process; it brings significant contributions to the students' performance in the practice of citizenship and reflects positively in the students' professional practice. Besides that, it was noticed that Academic Extension is one of the efficient ways in which the knowledge built in the academic scope is available to community. It contributes to extinguish the existing barriers between the university scholarship and the access to information by the society in which fits the school, without consisting in welfare.

Keywords: learning, professional performance, citizenship, Academic Extension and Extension Project.

LISTA DE ABREVIATURAS

ABRUC – Associação Brasileira das Universidades Comunitárias

ANPEd – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CODAE – Coordenação das Atividades de Extensão

FIES – Fundo de Financiamento Estudantil

FONAPRACE – Fórum Nacional de Pró-Reitores de Assuntos Comunitários e Estudantis

FOREXT – Fórum de Extensão das Universidades e Instituições de Ensino Superior Comunitárias

FOREXP – Fórum de Extensão das Instituições de Ensino Superior Particulares

FORPROEX – Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras

IBCT – Instituto Brasileiro de Ciência e Tecnologia

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

ICES – Instituições Comunitárias de Ensino Superior

IES – Instituições de Educação Superior

IPES – Instituições Públicas de Educação Superior

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

NEPAL – Núcleo de Estudos, Pesquisa e Extensão sobre Alfabetização

ONG – Organização não Governamental

PROUNI – Programa Universidade para Todos

PUC-Goiás – Pontifícia Universidade Católica de Goiás

REEx – Rede de Estudantes Extensionistas

UCDB – Universidade Católica Dom Bosco

UEPG/PR – Universidade Estadual de Ponta Grossa

UERJ – Universidade Estadual do Rio de Janeiro

UFPB – Universidade Federal da Paraíba

UFRN – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
1.1.	Problemática	13
1.2.	Formulação da Situação Problema	21
1.3.	Justificativa.....	23
1.4.	Objetivos	26
1.5.	Delimitação e importância do estudo	26
1.6.	Questões da Pesquisa	29
1.7.	Organização do estudo	30
2	REVISÃO DA LITERATURA	31
2.1.	Fundamentos Teóricos.....	31
2.2.	Textos que descrevem conceitos de Extensão Universitária e experiências com a execução de Projeto na Extensão Universitária.	38
2.3.	A universidade: espaço de ensino, pesquisa e extensão.....	45
2.4.	A polissemia do termo Extensão Universitária	51
2.5.	A Extensão como princípio de aprendizagem	53
2.6.	Aprendizagem a partir da consciência coletiva	57
2.7.	Aprendizagem a partir do compromisso com a realidade social	58
2.7.1.	Compromisso Social.....	58
2.7.2.	Compreender a Realidade Social e Permitir a Inclusão Social	59
2.7.3.	Processo de Inovação	60
2.8.	Aprendizagens adquiridas para a formação profissional.....	60
2.8.1.	Aprender pela Prática e Enfrentar Desafios	60
2.8.2.	Aprender Novas Habilidades: Desenvolvimento Pessoal e Profissional	61
2.8.3.	Formação Profissional – Teoria X Prática.....	61
3	METODOLOGIA	64
3.1.	Caracterização da Metodologia.....	64
3.2.	Caracterização da Pesquisa Qualitativa.....	64
3.3.	Descrição dos Participantes da Pesquisa	67
3.4.	Socialização dos Resultados das Entrevistas	67

3.5. Descrição e análise dos dados	68
3.6. Tratamento dos Dados.....	68
3.6.1. Primeira – Quais as Contribuições que o Projeto de Extensão Universitária Trouxe para Facilitar seu Processo de Aprendizagem	69
3.6.2. Segunda – Quais Aprendizagens Foram Mais Significativas Durante a Participação no Projeto de Extensão Universitária para sua Atuação Como Cidadão.....	76
3.6.3. Terceira – Como a Participação no Projeto de Extensão Universitária Contribui Para a Atuação Como Profissional.....	85
4 ANÁLISE DOS RESULTADOS	90
4.1. A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA COMO FACILITADOR DO PROCESSO DE APRENDIZAGEM	90
4.2. A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E A PRÁTICA DA CIDADANIA	92
4.3. A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E O DESEMPENHO PROFISSIONAL	93
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	96
REFERÊNCIAS	99
ANEXO: Roteiro de Entrevista Semiestruturada.....	104

1 INTRODUÇÃO

1.1. PROBLEMÁTICA

O ensino superior no Brasil passou nos últimos anos por um incremento, notadamente no oferecimento de novas oportunidades de ingresso nos cursos de graduação, decorrente da abertura de novas Instituições de Ensino Superior (IES) - neste trabalho consideraremos Instituição de Ensino Superior (IES), uma instituição que promove educação em nível superior, regulamentada pela Lei Nº 9.394, de 1996, que, conforme suas características, são classificadas como Universidades, que podem ser formadas por Faculdades, Escolas ou Institutos de Ensino Superior, Centro Universitário e Faculdade - aumento das vagas e de cursos nas Universidades Públicas, exigências em função das novas tecnologias, avanço científico e tecnológico exigindo melhor preparo por parte daqueles que buscam ingressar no mercado de trabalho e o aumento da oferta de mão de obra fazendo com que afunilem cada vez mais as oportunidades para o exercício profissional, entendido neste trabalho como a atividade exercida por profissional de nível superior devidamente regulamentada em lei, independente do curso e da procedência dos profissionais. Todas essas mudanças exigiram também uma nova postura da academia para oferecer à sociedade profissionais habilitados e capazes de exercer seu papel de maneira eficiente.

Além disso, o processo de aprendizagem sofreu mudanças, fazendo com que as Universidades procurassem alternativas que possibilitassem a formação de seus alunos de modo a deixá-los identificados com a comunidade – na acepção deste trabalho, comunidade é um conjunto de pessoas que se organizam sob as mesmas normas legais, no mesmo território geográfico, sob o mesmo governo e compartilham do mesmo legado cultural e histórico – na qual exercerão seu papel como profissionais e com o mercado de trabalho.

Para que isso aconteça é necessário repensar o modelo de ensino, centrado principalmente na exposição teórica dos conteúdos em sala de aula, e

adotar uma forma de colocar o aluno em contato com a realidade que enfrentará após sua graduação. Preocupou-se, neste trabalho, também com o comportamento que os profissionais teriam como cidadãos, como influenciaram positivamente a sociedade frente a realidade social e a essas novas exigências.

Um dos instrumentos eficientes que pode contribuir para o atingimento desses objetivos é a Extensão Universitária, prevista no modelo de educação superior, mas até então não adotada na maioria das instituições de ensino. Ressaltando que neste trabalho a Extensão Universitária é entendida “como um processo educativo, cultural e científico que articula o ensino e a pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre Universidade e sociedade”. (NOGUEIRA, 2000, p. 11)

Essa nova posição assumida pela Extensão Universitária no cenário da educação superior torna possível entendê-la como prática acadêmica promotora e produtora do conhecimento, Duch (2006), facilitadora de um modelo de transmissão e como processo educativo, cultural e científico, tornando-se catalisadora do Ensino e da Pesquisa compondo efetivamente o tripé de sustentação do ensino superior no Brasil.

De acordo com o Art. 207 da Constituição Federal de 1988, o modelo de educação superior brasileiro está centrado, de maneira indissociável, na tríade: ensino, pesquisa e extensão, embora a extensão não tenha sido praticada ao longo de décadas pelas Instituições de Ensino Superior-IES e Universidades haja vista que o processo demanda etapas que nem sempre têm condições de serem realizadas, e o retorno desse trabalho não renderia às instituições de ensino o correspondente ganho financeiro.

Embora não tenha sido valorizada pelas instituições e não tenha sido oferecida aos alunos, não significa que não seja reconhecida por profissionais que atuam no corpo docente dessas mesmas instituições de ensino. De acordo com Síveres, (2012), a Extensão Universitária, caracterizada pela sua potencialidade educacional e social, é um elemento essencial da identidade institucional.

Desde que foi incorporada na legislação educacional brasileira na década de 1930, no primeiro Estatuto das Universidades Brasileiras, Calderon (2011), a Extensão Universitária tem se tornado objeto de análise, estudo e debate, sempre tendo como referência cenários historicamente determinados da educação superior brasileira.

Mesmo tendo sido incluída no tripé do modelo de sustentação da educação superior, a Extensão Universitária não é adotada na maioria das instituições de ensino superior no Brasil. Um dos prováveis motivos para isso decorre de um descumprimento da Lei que estabeleceu o modelo de educação para o ensino superior com base no tripé ensino, pesquisa e extensão, mas não impôs que esse modelo fosse implementado integralmente pelas instituições. Isso permitiu que muitas optassem por privilegiar em suas práticas acadêmicas o ensino e a pesquisa deixando a extensão para os casos de exceção.

As Universidades são um espaço privilegiado para produção, articulação e divulgação do conhecimento e, segundo Demo (1995), o seu papel mais específico a ser considerado é a “educação pela ciência”. Neste trabalho, ciência refere-se ao sistema de adquirir conhecimento baseado no método científico, bem como ao corpo organizado de conhecimento conseguido através de pesquisas, salientando que sempre se referindo à ciência experimental em contraposição à ciência aplicada.

Para que a Universidade cumpra sua tarefa, três recursos são considerados: o ensino, a pesquisa e a extensão. Embora indissociáveis, como estabelece a norma, as instituições de ensino têm privilegiado, como já citado, o ensino e a pesquisa. Entretanto, inúmeros artigos, Dissertações de Mestrado, Teses de Doutorado evidenciam a importância da extensão e ressaltam que se aplicada de forma adequada constitui recurso relevante e tem se mostrado eficaz no processo de formação profissional tanto para facilitar a aprendizagem quanto para capacitar o graduado para o exercício da cidadania e sua atuação profissional.

Salientando que aprendizagem e cidadania tem, neste trabalho, sentidos restritos. Entende-se como aprendizagem o processo pelo qual as competências,

habilidades, conhecimentos, comportamento e valores são adquiridos e/ou modificados, como resultado de estudo, experiência, formação, raciocínio e observação; cidadania, por sua vez, é o exercício dos direitos e deveres civis, políticos e sociais estabelecidos na Constituição Federal de 1988 e demais diplomas legais vigentes.

Outra razão para que as universidades não pratiquem a extensão está relacionada com o modelo de instituições estabelecidas, haja vista que a maioria delas foi credenciada e iniciou suas atividades no final dos anos 1980 até a metade dos anos 1990. Certamente não será com tão pouca experiência que essas universidades atenderão aos requisitos necessários para implementação da Extensão Universitária como modelo de formação profissional e transmissão do conhecimento. Para que isso ocorra há a necessidade da experiência, pessoal disponível, tempo dos discentes e docentes para execução de um trabalho diferenciado.

Infelizmente essa não é uma demanda da comunidade acadêmica dessas instituições, que está interessada em sua maioria na obtenção de um título e um diploma para facilitar seu ingresso no mercado de trabalho, e isso as universidades podem fazer sem que tenham que investir na extensão.

Mais uma razão para a defasagem da adoção da Extensão Universitária como meio de formação profissional e socialização dos conhecimentos adquiridos na academia é o fato de um percentual grande de estudantes frequentarem instituições particulares de ensino, segmento que tece severas críticas à extensão como meio de obtenção de conhecimento na academia, visto que a maioria dessas instituições prima por colocar no mercado o maior número de graduados possível, sem preocupar-se profundamente com a qualidade desses graduados, segundo Calderon (2011). Esse mesmo autor afirma que cerca de 90% das IES são particulares e mais de 70% dos alunos em curso superior no Brasil frequentam essas instituições, cabendo às públicas menos de 30% dos universitários brasileiros. Além do mais, várias Universidades Federais, Estaduais ou Municipais, bem como outras instituições públicas de ensino superior, em muitos de seus cursos não têm preocupação com essa modalidade de serviço.

Articulada com o ensino e a pesquisa, a Extensão Universitária tem assumido uma nova postura e função na Universidade Brasileira. Duch (2006), afirma que é possível entendê-la como prática acadêmica que promove e produz tanto a informação quanto o conhecimento num processo educativo, cultural e científico.

Neste trabalho há uma diferenciação entre informação e conhecimento, considerando-se informação como um conjunto organizado de dados, que constitui uma mensagem sobre um determinado fenômeno, de modo que permita graduando resolver problemas, tomar decisões, considerando seu uso racional como base do conhecimento. O conhecimento, aqui considerado, será restrito ao conhecimento científico, que preza pela apuração e constatação, explicando de modo racional o que está sendo observado, por meio de leis e sistemas.

As conclusões do Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras – FORPROEX (2012), na apresentação da proposta de uma Política Nacional de Extensão Universitária, visando transformar a Universidade Pública em um instrumento de mudança social em direção à justiça, à solidariedade e à democracia, demonstra ter consciência que esse processo necessariamente enfrentará desafios na busca das novas oportunidades de ensino e aprendizagem que se abrem no contexto da globalização e, particularmente, na sociedade brasileira a partir das possibilidades de abertura de cursos e campus universitários em regiões em que isso não era possível. São desafios que devem ser confrontados e oportunidades que devem ser aproveitadas pela Universidade Pública – entendida como o “conjunto das Instituições Públicas de Educação Superior (IPES) como Universidades, Centros de Ensino e Faculdades Federais, Estaduais e Municipais, bem como os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia” (FORPROEX, 2012, p. 14) – por meio de políticas públicas que tornem essas possibilidades reais. Nesse contexto a Extensão Universitária pode oferecer contribuições relevantes.

A Universidade – entendida como uma instituição pluridisciplinar de formação profissional de nível superior, de pesquisa, extensão, domínio e cultivo do saber humano – deve ser vista a partir de seus objetivos básicos de formação

profissional, geração de novos conhecimentos e sua disseminação, processo complexo, face à natureza e diversidade do trabalho acadêmico e, além de ser responsável pela formação profissional, deve considerar a possibilidade de adotar a Extensão Universitária, que apresenta uma diversidade conceitual e prática que interfere expressivamente no “pensar” e no “fazer” no seu interior, como forma de contribuir para que a sociedade desfrute do conhecimento por ela oferecido.

A Extensão Universitária foi regulamentada pela Lei 5.540/68, artigos 20 e 40, porém em caráter assistencialista. Somente na década de 1980, com empenho de muitos educadores que perceberam sua importância foi lhe dado um caráter mais formal. A partir dessa fase a extensão passa a ser um instrumento de democratização do ensino, aprendizagem e autonomia universitária. Nesta percepção, a sociedade deixa de ser simples receptora do conhecimento e passa a ser redimensionadora desse mesmo conhecimento.

A partir dessa nova situação mudou-se a realidade da Extensão Universitária e hoje o tema é amplamente debatido no Plano Nacional de Extensão Universitária, no programa Universidade Cidadã, e nos Fóruns Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras, onde é, como já foi dito, “considerada como um processo educativo, cultural e científico que articula o ensino e a pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre Universidade e sociedade”. (NOGUEIRA, 2000, p. 11).

Na concepção de Silva (2010), a Extensão Universitária vem se caracterizando ao longo da história da universidade brasileira como ferramenta essencial para a formação acadêmica e contribuindo essencialmente para a transmissão do conhecimento acumulado por aqueles que frequentam os ambientes universitários.

Embora parte essencial na formação acadêmica e fator importante para sedimentar o conhecimento, a Extensão Universitária tem recebido por parte das instituições de ensino pouca atenção. Buscando a todo custo atender a demanda de mercado, não oferecem aos seus alunos a oportunidade para deixar a sala de aula e experimentar fora do ambiente acadêmico o processo de aprendizagem, junto aos que receberão as contribuições e compartilharão do conhecimento

adquirido na academia, isto é, a comunidade. Na prática os alunos adquirem o conhecimento e o guardam para ser usado somente quando estiverem exercendo as funções para as quais buscam formação ao ingressarem no ensino superior, ou seja, quando do exercício no campo profissional, no mercado de trabalho.

O papel da universidade é criar um ambiente de ensino – aqui entendido como o conjunto das condições, incluindo espaço físico, equipamentos, professores, que facilite a aquisição do conhecimento pelo aluno, com base no método científico, permitindo ultrapassar as concepções do senso comum – capaz de formar profissionais que atendam a demanda do mercado de trabalho, mas acima disso, deve oferecer à sociedade aqueles que estão intimamente vinculados às suas necessidades e que estejam conscientes do papel que devem exercer com o conhecimento adquirido em favor dessa mesma sociedade. Pois além de formar profissionais, tem também a responsabilidade de socializar o conhecimento de modo que todos possam desfrutar dele e de uma parcela cada vez maior dos benefícios decorrentes do ensino que elas oferecem na formação de seus alunos, compartilhando-o com o maior número possível de pessoas.

Entretanto, como não é possível à Universidade atender toda a população nos ambientes acadêmicos, pois além da falta de espaço a própria comunidade não tem condições de estar presente nesses ambientes que ainda são, numa sociedade como a nossa, elitistas – muito embora com a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei Federal nº 9394/1996, tenha sido facilitada a abertura de Instituições de Ensino Superior, o que aumentou significativamente o número de vagas, estas são ainda insuficientes para a demanda – a extensão novamente aparece como uma interface entre o ambiente acadêmico é a comunidade. Além disso, nem sempre a necessidade de aprendizagem das pessoas está associada a um curso superior, mas a conhecimentos práticos, mais simples que atendam suas necessidades no dia a dia, cursos técnicos e agora mais recente nos cursos de tecnólogos, cujo tempo de duração é, em geral, menor que os cursos regulares com três ou quatro anos de duração.

Embora não tenha uma história muito longa no Brasil, pois emerge nos círculos acadêmicos na primeira metade do século passado, para Silva (2010), a Extensão Universitária brasileira, estreitamente ligada ao ensino e pesquisa, já conta com um legado significativo e as diversas pesquisas apontam para a importância dessa modalidade de contribuição do ensino universitário para a comunidade.

A pesquisa em educação contribui para o aprofundamento do conhecimento e da práxis educativa realizada nas várias instituições de ensino – básico e superior – existentes no Brasil e no mundo. Esse conhecimento produzido por meio dos programas de pesquisa é transmitido aos estudantes e à comunidade por meio do ensino e da extensão (SILVA, 2010, p. 11).

O ensino, pesquisa e extensão, atrelados ao modelo de educação brasileiro e previsto na Constituição Federal, Art. 207, não deveria estar limitado ao ambiente acadêmico, pois na opinião de alguns autores existem outras formas de ensinar, aprender e transmitir o conhecimento obtido na academia que extrapolam os seus limites e o ambiente restrito da sala de aula.

A Universidade pode utilizar projetos de extensão – neste trabalho entendidos como projetos que compreendem o processo educativo, cultural e científico como articulador do ensino, da pesquisa e extensão que ofereçam condições de elaboração, execução e avaliação com tempo de duração delimitado – como forma de socializar o conhecimento, facilitando aos alunos participarem desses eventos. Não resta dúvida de que a Extensão Universitária é o caminho mais curto para que essa prática possa ocorrer, tendo em vista que estudos sobre essa prática evidenciam as inúmeras contribuições que ela pode trazer para acadêmicos e para a sociedade.

Contribuindo para que o assunto se torne mais claro e tenha perspectivas mais promissoras destaca-se como o projeto de extensão pode contribuir para facilitar o processo de aprendizagem, para a prática da cidadania e para o desempenho profissional dos estudantes universitários brasileiros a partir de pesquisa utilizando questionário semiestruturado.

Considerando que a Extensão Universitária é relevante no processo de aprendizagem, prática da cidadania, exercício profissional e que poderá agregar

fatores substanciais para melhorar o desempenho dos egressos dos cursos de graduação, foram estabelecidos na presente pesquisa três eixos sobre as contribuições da Extensão Universitária para estudantes de graduação: o primeiro, a relevância da Extensão Universitária para o processo de aprendizagem; o segundo, de que modo as aprendizagens decorrentes da participação no projeto de Extensão Universitária contribuíram para sua atuação como cidadão; terceiro, como a participação nos projetos de Extensão Universitária trouxe contribuições para o exercício profissional dos graduados.

Além disso, de acordo com a Lei 9394/96, Art. 43, inciso VII, “a educação superior tem por finalidade promover a extensão, aberta à participação da população, visando à difusão das conquistas e benefícios resultantes da criação cultural, da pesquisa científica e tecnológica geradas na instituição” (BRASIL, 1988).

1.2. FORMULAÇÃO DA SITUAÇÃO PROBLEMA

A Extensão Universitária desempenha a função de socialização do conhecimento junto à comunidade externa, num processo de ação comunitária visando sua autonomia. Assim, a Universidade se caracteriza como um espaço de diálogo dos conhecimentos, um tempo de interações educativas e um processo de aprendizagem, Síveres (2010). Esse ambiente privilegiado certamente contribuirá para facilitar o processo de aquisição do conhecimento e sua socialização.

Regra geral, não há como universalizar o conhecimento transmitido pela instituição de ensino e adquirido por seus alunos se não houver integração entre a comunidade acadêmica e comunidade geral, a universalização do conhecimento e sua transmissão não terá sentido se a comunidade acadêmica não interferir de forma efetiva e benéfica na transmissão desse conhecimento adquirido, tornando-o significativo para a comunidade em que está inserida. Essa intervenção não ocorre de forma natural com a simples colocação dos profissionais que a universidade oferece ao mercado de trabalho, mas quando há um processo de extensão que viabilize o acesso ao conhecimento, de modo geral, por aqueles que dele devem se utilizar. Isso tendo em vista que nenhum conhecimento

transmitido pela instituição de ensino e adquirido pelos estudantes, objetivo maior do trabalho da universidade, deve ser privatizado, pelo contrário, deve ser socializado sempre.

Considerando que a sociedade é dinâmica, cabe à Universidade injetar nela a energia vital que ela transmite representada pelo conhecimento. Esse deve ser compartilhado na medida em que os projetos de extensão e integração comunidade-universidade desenvolverem uma relação de cumplicidade, onde uma dependerá essencialmente da outra e se ajudarão mutuamente numa troca constante, em que a Universidade, como o nome faz entender, ofereça e universalize o conhecimento e a sociedade estimule a construção desse conhecimento por meio dos seus representantes – os alunos das instituições.

A Extensão Universitária deve ser utilizada pela Instituição de Ensino como meio para oferecer uma contribuição para a comunidade, visto que o leque de opções de serviços a ser disponibilizados é grande. Para exemplificar podem ser alistadas algumas dessas opções:

Programa – entendido como conjunto articulado de projetos e outras ações de extensão, mostrando de forma indissociável o tripé: ensino, pesquisa e extensão. Tem caráter orgânico-institucional, clareza de diretrizes e orientação para um objetivo comum, sendo executado em tempos diferentes e de acordo com a necessidade da comunidade para a qual será oferecido.

Projeto – ação processual contínua, de caráter educativo, social, cultural, científico ou tecnológico, com objetivo específico e prazo determinado. O projeto pode estar vinculado a um programa ou ser registrado como projeto sem vínculo.

Curso – ação pedagógica, de caráter teórico ou prático, presencial ou a distância, planejada e organizada de modo sistemático, com carga horária mínima de oito horas e critérios de avaliação definidos.

Evento – ação pedagógica que implica na apresentação e/ou exibição pública, livre ou com clientela específica, do conhecimento ou produto cultural, artístico, esportivo, científico e/ou tecnológico desenvolvido, conservado ou reconhecido pela Universidade, em geral com carga horária pequena.

Prestação de serviços – realização de trabalho oferecidos pelas instituições de ensino superior ou contratado por terceiros (comunidade, empresa, órgão público etc). A prestação de serviços se caracteriza por intangibilidade, inseparabilidade processo/produto e não resulta na posse de um bem.

Pretende-se neste trabalho apresentar uma proposta, com base nos dados levantados na pesquisa, de intervenção efetiva da Universidade na comunidade e verificar, decorrente das respostas obtidas junto aos pesquisados, como o projeto de extensão pode contribuir para o processo de aprendizagem, com a prática da cidadania e com o desempenho profissional dos estudantes universitários.

A problemática percebida é que a Extensão Universitária ainda não é compreendida como uma possibilidade de aprendizagem, estímulo à prática da cidadania e qualificação profissional, pois geralmente é vista como prestação de serviço assistencial, mas não como uma forma de construção do conhecimento e facilitação do processo de aprendizagem por parte do estudante, ou como uma possibilidade de vivência de situações que fortalecerão sua prática enquanto cidadão e sua atuação como profissional. “A extensão somente deixará de ser uma prestação de serviços, numa perspectiva assistencialista, quando for visualizada como um processo pedagógico que visa à formação cidadã para a conquista de uma sociedade efetivamente de direitos”. (JUNTKE; CARO, 2013, p. 106).

1.3. JUSTIFICATIVA

A Extensão Universitária vem se mostrando eficiente no processo de socialização do conhecimento, pois permite que estudantes e comunidade sejam beneficiados por meio de projetos de extensão compartilhados pelos acadêmicos, constituindo-se, desta forma, num foro de participação coletiva no contexto da educação superior, situação que sem os projetos de Extensão Universitária seriam inviáveis.

Desta forma, é relevante o papel desempenhado pela Extensão Universitária e de forma empírica tem sido comprovado que esse modelo de

participação dos acadêmicos no processo de socialização do conhecimento se constitui num fator de envolvimento da instituição de ensino com a comunidade, pois há muito tempo as universidades tomaram conhecimento da necessidade da socialização dos seus ensinamentos, já que é um contrassenso investir alto no processo de ensino, capacitando pessoas nas diversas áreas do conhecimento e isso ficar adstrito ao meio acadêmico e concentrado na atuação profissional dos graduados da instituição de ensino.

Portanto, mais do que levantar dados, pretende-se com a realização dessa pesquisa, encontrar argumentos razoáveis que demonstrem a importância da Extensão Universitária para socialização do conhecimento e, além disso, obter esclarecimentos sobre o papel desempenhado pelos projetos de extensão que contribuem para facilitar o processo de aprendizagem, a atuação como cidadão e com o desempenho profissional dos estudantes universitários da graduação.

Procura-se ressaltar a importância do tripé que sustenta a educação superior brasileira, como já dito, constituído pelo ensino, pesquisa e extensão, pois, embora as instituições de ensino reconheçam a importância dessa dinâmica, os investimentos tem se concentrado no aspecto do ensino acadêmico, mais precisamente ao ensino formal que ocorre, em geral, dentro da sala de aula e, numa parcela menor, na pesquisa. Pouco se investe na Extensão Universitária, o que é contraditório, principalmente quando se sabe da sua importância para o processo de formação profissional e socialização do ensino universitário no Brasil, mormente se considerarmos a carência de ensino em que vive a maioria da população, que não tem acesso ao ensino superior ou ao convívio com o conhecimento dos acadêmicos.

Não resta dúvida de que a Extensão Universitária torna-se peça importante no processo de formação acadêmica haja vista que coloca em contato direto os acadêmicos e o ambiente no qual desenvolverão suas ações e atividades profissionais após concluídos seus estudos. Portanto, não se pode conceber a formação profissional teórica sem atrelá-la à prática e, conseqüentemente, sem testar esses conhecimentos no ambiente fora da

academia, como se o mundo universitário fosse dissociado dos aspectos sociais vivenciados pela comunidade a que pertencem esses mesmos universitários.

1.4. OBJETIVOS

Ao propor o levantamento de dados e proceder a uma análise consistente desses dados, tem-se como objetivo geral compreender como a Extensão Universitária pode contribuir no processo de aprendizagem, para a atuação como cidadão e para melhorar o desempenho profissional dos acadêmicos durante e após a graduação.

Na busca pela consecução do objetivo geral, várias etapas serão cumpridas e estabelece-se como objetivos específicos dessa pesquisa:

Caracterizar a Extensão Universitária nas instituições de Educação Superior;

Delinear pontos relevantes dos projetos de Extensão Universitária no processo de aprendizagem;

Evidenciar aspectos sobre a atuação como cidadão decorrente da sua ação como extensionista;

Identificar pontos positivos dos projetos de extensão para o desempenho profissional.

1.5. DELIMITAÇÃO E IMPORTÂNCIA DO ESTUDO

A Extensão Universitária é abrangente e uma análise completa exigiria tempo que um trabalho como a dissertação de mestrado não permitiria, tendo em vista a exiguidade do tempo, a necessidade de conclusão do trabalho e elaboração do relatório com os resultados alcançados. Em decorrência disso, a abordagem será direcionada para obtenção das respostas referentes às questões que se pretende responder, ou seja, como o projeto de Extensão Universitária pode contribuir para facilitar a aprendizagem, influenciar à prática da cidadania e melhorar o desempenho profissional dos acadêmicos durante e após a graduação.

Será considerado um universo restrito para levantamento dos dados e as questões apresentadas no questionário semiestruturado serão direcionadas para o objetivo geral da pesquisa visando responder às questões propostas.

Ao todo serão apresentadas sete questões - Quais foram os motivos que o levaram a participar do Projeto de extensão? Quais foram as aprendizagens mais importantes que você construiu no Projeto de extensão? Quais as aprendizagens do Projeto que poderiam ajudar na aprendizagem do seu curso? A participação no projeto de extensão o motivou a buscar aprendizagens novas e mais integradas? Como o projeto de extensão contribuiu para o exercício da sua cidadania? Como o projeto de extensão pode contribuir para com o seu desempenho profissional? Enfim, você gostaria de indicar mais algum aspecto sobre o processo de aprendizagem por meio da extensão? Dessas questões serão selecionadas as respostas de três, a saber – Quais foram as aprendizagens mais importante que você construiu no Projeto de extensão? Como o projeto de extensão contribui para o exercício da sua cidadania? E, Como o projeto de extensão pode contribuir para com o seu desempenho profissional? Estas são as questões que servirão de base para realização deste trabalho.

Entretanto, a restrição do universo de onde será retirada a amostra e apresentação do roteiro de entrevista semiestruturada (anexo 1) não significa que o tema será abordado de maneira superficial, pois em se tratando de um tema tão relevante é necessário restringir alguns aspectos da pesquisa para que a abordagem possa ter um caráter mais depurado e objetivo.

Destaca-se que a Extensão Universitária, como parte do tripé da estrutura de ensino superior no Brasil, deve ser abordada de maneira especial, buscando ressaltar sua importância e a influência por ela exercida no processo de formação de profissionais de nível superior e a socialização dos conhecimentos adquiridos na universidade com a comunidade.

O estudo aqui proposto tem limitações reconhecidas antecipadamente, decorrentes de fatores diversos que permeiam o trabalho de elaboração de dissertação de mestrado. Para esclarecer a questão serão enumeradas três dessas dificuldades a seguir.

Primeira, falta de interesse e pragmatismo, pois numa sociedade onde se prioriza o ter e não o ser é mais fácil obter um diploma de graduação sem a experiência que a Extensão Universitária pode proporcionar. Entendido desta forma fica mais claro compreender os motivos de ainda se utilizar tão pouco a Extensão Universitária como recurso de formação e transmissão do conhecimento.

Segunda, o estudo ora proposto se limitará a um grupo restrito de estudantes que tiveram oportunidade de participar de ações de Extensão Universitária, a forma efetiva de experimentar o dinamismo do processo de aprendizagem, compartilhamento do conhecimento e obtenção do *feed back* social nas áreas que pretendem se formar. Esse universo restrito pode não representar fidedignamente a realidade da extensão e não manifestar problemas que muitas vezes ocorrem e que neste grupo não se tenha verificado.

Terceira, a Extensão Universitária foi analisada apenas sob a ótica das três questões, ou seja, a sua contribuição para facilitar o processo de aprendizagem, como contribuiu para a atuação como cidadão e como pode cooperar para melhorar o desempenho profissional dos egressos dos cursos de graduação.

Essas limitações podem impedir que aspectos importantes, tais como motivos que levaram os alunos a participarem do projeto de extensão, as dificuldades de implantação, as aprendizagens mais importantes que o aluno construiu no projeto de extensão, falta de envolvimento efetivo das instituições de ensino, falta de comprometimento dos acadêmicos com essa prática no processo de formação profissional, se a participação no projeto de extensão motivou-o para buscar aprendizagens novas e mais integradas, entre outros, sejam desconsiderados, impedindo que se tenha uma perspectiva completa do papel que a Extensão Universitária pode exercer/oferecer no contexto do ensino superior no Brasil.

Portanto, nossa intenção ao realizar essa pesquisa é mostrar a importância da Extensão Universitária como metodologia de ensino que possibilita aos alunos e professores reunirem teoria e prática durante a graduação, e como

essa união constitui o diferencial para sua formação. Pretende-se ainda chamar a atenção sobre a necessidade de adotar o tripé do modelo de ensino superior brasileiro sem privilegiar o ensino e a pesquisa em detrimento da extensão, possibilitando assim aos estudantes e comunidade desfrutar dos benefícios que cada um pode oferecer e desfrutar na consecução de seus objetivos. Outro aspecto que queremos evidenciar é a importância da Extensão Universitária para o corpo docente da instituição, pois na extensão, como via de mão dupla na qual instituição de ensino e comunidade ganham, a atuação dos professores orientando os alunos e abrindo oportunidades para sugestões de projetos também os beneficiará.

1.6. QUESTÕES DA PESQUISA

O presente estudo pretende examinar como os projetos de Extensão Universitária podem contribuir com o processo de aprendizagem, com a prática da cidadania e com a qualidade da atuação dos profissionais egressos dos cursos de graduação, analisando a ressignificação da extensão nas relações internas com os outros fazeres acadêmicos e na sua relação com a comunidade a que serve, e na qual se insere.

As questões de pesquisa foram definidas neste estudo com base na estrutura de Dillon (1984), que propõe quatro ordens de questões de pesquisa. No presente estudo tem-se em mente questões de primeira ordem, ou seja, aquelas que se referem a propriedades do objeto de estudo. São as seguintes as questões propostas:

Como os projetos de Extensão Universitária contribuem para facilitar o processo de aprendizagem?

Que fatores envolvidos na execução dos projetos de extensão contribuíram para a atuação dos alunos como cidadãos junto à comunidade?

Que fatores intervieram positivamente e contribuíram para incrementar o desempenho da atuação profissional desses universitários?

1.7. ORGANIZAÇÃO DO ESTUDO

O trabalho foi dividido em partes identificadas por capítulos, além da referência bibliográfica e dos anexos.

O primeiro capítulo explica os motivos e fatos que levaram à realização deste trabalho contendo: introdução, caracterização do problema, formulação da situação problema, justificativa, objetivos, delimitação e importância do estudo, questões da pesquisa e organização do próprio estudo. O segundo capítulo apresenta a revisão da literatura, que se prende aos eixos temáticos inerentes à Extensão Universitária, escolhidos para este trabalho. O terceiro capítulo apresenta a metodologia, compreendendo o tipo de pesquisa, a seleção dos sujeitos da pesquisa, instrumentos de avaliação, coleta e o tratamento dos dados. O quarto capítulo apresenta a análise dos dados. O quinto capítulo apresenta as considerações finais com o fechamento do relatório decorrentes das informações obtidas nas respostas oferecidas pelos alunos que participaram dos projetos de extensão, sendo estes interpretados à luz da literatura e da experiência.

2 REVISÃO DA LITERATURA

Nesta parte são apresentadas contribuições de estudiosos da Extensão Universitária, particularmente os que se dedicaram a fazer uma abordagem conceitual e discutir aspectos de sua prática nas instituições de ensino. Portanto, o que se apresenta constitui uma fotografia do cenário da pesquisa e da produção acadêmica sobre Extensão Universitária atualmente, e que contribuem com a proposição dos objetivos deste trabalho.

Por meio da Biblioteca da UCB, foram feitas pesquisas em diversas bases de dados sobre o tema. Paralelamente, verificou-se o acervo de dissertações e teses do Instituto Brasileiro de Ciência e Tecnologia (IBCT). Estas duas bases de dados indicaram existirem dezenas de estudos versando sobre a Extensão Universitária. Além dessas bases de dados, foi também consultado o Sítio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, onde estão hospedados inúmeros trabalhos versando sobre o assunto. Entretanto, os referidos mecanismos de busca omitem referências, particularmente livros e textos de periódicos anteriormente à criação desses sistemas, o que não nos desapontou, pois sabidamente a Extensão Universitária recrudescceu a partir da segunda metade do século passado, quando foi descoberta como ferramenta importante no compartilhamento do conhecimento entre a Universidade e a comunidade.

A literatura revisada está agrupada nas categorias: fundamentos teóricos, textos que descrevem conceitos de Extensão Universitária e experiências com a execução de Projeto na Extensão Universitária, bem como pela disposição do ambiente universitário e a respectiva compreensão da extensão.

2.1. FUNDAMENTOS TEÓRICOS

Explicitando, no tópico fundamentos teóricos, examinam-se autores cujas formulações fornecem lastro para a Extensão Universitária. Nesta parte do trabalho são apresentados textos contendo elaborações ou reflexões sobre a Extensão Universitária, e no tópico seguinte textos que descrevem na prática

experiências com a execução de Projeto na Extensão Universitária são observados os resultados de experimentos com a Extensão Universitária.

Alguns educadores têm maior influência na construção teórica do presente estudo. Todos de alguma forma tiveram papel importante no avanço do entendimento sobre a Extensão Universitária e o processo de aprendizagem, particularmente a partir do final do século passado.

Entre os teóricos mais recentes consultados podem ser alistados: Síveres (2006) que discute o tema sob a ótica da Filosofia da Educação na obra *Universidade: Torre ou Sino*; Síveres; Meneses (2011), que organizaram a obra *Transcendendo Fronteiras – A Contribuição da Extensão das Instituições Comunitárias de Ensino Superior e Processo de Aprendizagem na Extensão Universitária*, nas quais abordam com outros autores a temática de maneira abrangente e diversificada. Além dessas, outra obra que também serve de base para a orientação teórica da pesquisa, organizada por Síveres (2012), foi *O Processo de Aprendizagem na Extensão Universitária*, na qual em parceria com mais de uma dezena de profissionais comprometidos com o processo de ensino, principalmente na pós-graduação, buscam “compreender a Extensão Universitária como um processo de aprendizagem, reafirmam o seu caráter acadêmico e viabilizam um percurso para que os projetos de ensino e de pesquisa revelem a possibilidade do trabalho indissociável”. (SÍVERES, 2012, Contracapa).

Entretanto, a obra mais relevante considerada na revisão da literatura foi Síveres (2013b) *A Extensão Universitária como Princípio de Aprendizagem*, onde é apresentado o resultado de uma pesquisa entre estudantes de instituições de Ensino Superior Comunitárias, liderada por ele, contendo os detalhes das vivências e aprendizagens de estudantes extensionistas a partir da prática na Extensão Universitária.

A obra aborda a dimensão da subjetividade do estudante, os processos de aprendizagem, as consequências para a prática da cidadania e as contribuições para a formação profissional. Discute ainda temas como a relação dialógica, subjetividade, aprendizagem do estudante universitário, exercício da

cidadania e compromisso social, assim como reflexões sobre a contribuição para a formação profissional.

Além das obras do Dr. Síveres e colaboradores, também foi essencial à compreensão da temática diversos outros trabalhos entre as quais Freire (2011) *Extensão ou Comunicação*, que com sua perspicácia e peculiaridade apresenta os equívocos que cometemos ao confundir o papel do extensionista com o daquele que quer se impor ao outro, afirmando que:

Educar e educar-se, na prática da liberdade, não é estender algo desde a “sede do saber”, até a “sede da ignorância” para “salvar”, com este saber, os que habitam nesta. Ao contrário, educar e educar-se na prática da liberdade é tarefa daqueles que sabem que pouco sabem – por isto sabem que sabem algo e podem assim chegar a saber mais – em diálogo com aqueles que, quase sempre, pensam que nada sabem, para que estes, transformando seu pensar que nada sabem em saber que pouco sabem, possam igualmente saber mais. (FREIRE, 2011, p. 25).

Portanto, mais que levar algo para oferecer, o extensionista ao exercer o seu papel está, na verdade, também se apropriando do conhecimento do outro que, agregado ao que já adquiriu, ampliará sua potencialidade como profissional, tornando-o mais apto para o exercício de seu papel social.

Ainda outras obras foram consideradas no embasamento teórico desse trabalho, podendo destacar a Dissertação de Mestrado de Silva (2011) *A Contribuição da Extensão na Formação do Estudante Universitário*, apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação da Universidade Católica de Brasília, na qual investiga a experiência de aprendizagem de estudantes que estiveram envolvidos em projetos de extensão de uma universidade particular do Distrito Federal.

Também merece destaque o trabalho feito pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba-UFPB, que criou o Grupo de Pesquisa em Extensão Popular, vinculado à linha de investigação sobre Educação, Estado e Políticas Públicas, cujo propósito visava o estímulo ao desenvolvimento de projetos que fomentem a interação entre iniciativas e extensão popular; a análise crítica de experiências e formulações teóricas, no campo da extensão, possibilitando a interdisciplinaridade e o enriquecimento da

formação acadêmica dos participantes do grupo; a produção teórico-acadêmico voltada à extensão popular, resultante de pesquisas e estudos desenvolvidos pelo grupo; a perspectiva de que o produto da realização de projetos de extensão é fundamento ontológico do ensino e das pesquisas na Universidade; a discussão e o fomento da extensão na UFPB, no sentido de seu inter-relacionamento com o ensino e a pesquisa; a manutenção do debate sobre o papel social da Universidade; e o incentivo a autonomia de projetos voltados a ações educativas promotoras da cidadania crítica e ativa.

O resultado desse trabalho foi apresentado em um bloco de artigos intitulado *Extensão Universitária – Diálogos Populares*, no qual destacou-se o artigo de (MELO NETO, 2002). Nesse trabalho afirma-se que a Extensão Universitária pode ser entendida como um trabalho social, e o ambiente universitário como um local de contradições das mais variadas formas. E, segundo ele, em sendo a extensão um trabalho social, pressupõe-se que sua ação é intencionalmente criadora de um produto que pode atender de forma eficiente a uma demanda social, haja vista que, estando em constante contato e discussão sobre fatos e situações sociais, pode compreender melhor as necessidades dessa mesma sociedade. Ainda segundo o autor, a Extensão Universitária, pelo trabalho social que realiza, transforma e ao mesmo tempo cria a cultura se tornando esta ação o seu trabalho principal.

Cunha (2002), resgata as ações e políticas da Extensão Universitária no Brasil e problematiza a sua inserção nas questões e demandas sociais mais amplas.

Em sua abordagem a autora lança mão de sua vivência na área como Pró-Reitora da Extensão Universitária da Universidade Federal Fluminense e na experiência de outras instituições de ensino, principalmente pelos trabalhos realizados na década de 1990, dos trabalhos resultantes das reuniões do Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras, da Universidade no Brasil descritas em livros, artigos, textos, debates, cursos e programas de diferentes faculdades de educação. Com base na experiência adquirida ao longo dessa caminhada a autora afirma que:

Teci, a partir desses caminhos, a rede de relação que deram corpo à extensão como uma função universitária. Procurei manter a mobilidade dos fluxos/demandas que a constituíram fazendo de sua história [...] um caleidoscópio que muda de perspectiva e desenho na medida em que nos movemos em uma mesma trajetória. (CUNHA, 2002, p. 23).

Para esta afirmação valeu-se de dois momentos históricos da universidade brasileira: os acontecimentos sociais ligados ao movimento estudantil de 1968 e aos fatos também relacionados às universidades ocorridos em 1987, que deram fôlego à Extensão Universitária e reiniciam uma proposta de reinserção dos sujeitos, das organizações e dos estabelecimentos universitários no destino social do Brasil.

Esses episódios concederam à Extensão Universitária o papel e a competência de democratizadora da nação, onde humanizar o conhecimento e ter qualidade política foi o seu grande desafio. Ambos os acontecimentos fizeram com que a atuação da universidade na extensão a vinculasse aos programas e questões sociais fazendo com que emergissem lutas em nome da democracia e da participação, Cunha (2002).

Ireland (2002), parte de um olhar histórico sobre a natureza complexa desta relação, numa perspectiva internacional, e o argumento básico apresentado é o de que a porta pela qual a Educação de Jovens e Adultos – EJA entrou na Universidade – a extensão – representa o componente menos prestigiado da consagrada tríade: ensino, pesquisa e extensão. Esse fato se deve à natureza da EJA, que como em todos os lugares atende a um grupo geralmente oriundo das camadas populares da sociedade.

Esse artigo aborda a EJA como objeto da Extensão Universitária remontando seu início à década de 1950, com Paulo Freire, quando liderou uma equipe do Serviço de Extensão Cultural da Universidade Federal de Pernambuco, até então Universidade de Recife, Ireland (2002). Segundo o autor, apesar dos esforços do Fórum Nacional de Pró-Reitores de Assuntos Comunitários e Estudantis (FONAPRACE) a Extensão Universitária continua sendo o eixo menos prestigiado do tripé que forma a base da educação superior no Brasil – ensino, pesquisa e extensão, ainda que esforços tenham sido feitos para incluir esse tema nos debates acerca do papel social da universidade.

Lins (2002), aborda a temática da construção de um trabalho de conclusão de curso com a inserção de um público proveniente dos movimentos sociais populares no Programa de Pós-Graduação em Educação na UFPB.

O projeto inicialmente criado a partir da experiência das alunas do Curso de Especialização, Educação em Movimentos Sociais, inseriu no contexto universitário um público proveniente de movimentos sociais, o que denota sua importância na eliminação das barreiras em uma relação entre universidade e comunidade, demonstrando assim a necessidade da produção de um conhecimento que possa contribuir com a práxis desses movimentos e com o repensar acadêmico.

Segundo Lins, (2002), a Extensão Universitária é um processo educativo articulado entre a instituição de ensino e a comunidade, que torna possível a relação entre o ensino e a pesquisa, viabilizando a ação de relacionamento que deve existir entre a Universidade e a sociedade para que ocorram as mudanças desejadas decorrentes do processo de formação profissional. É caracterizada como uma via de mão dupla, pois ao mesmo tempo em que leva para a comunidade o conhecimento formal, encontra na sociedade a oportunidade para elaboração de uma práxis do conhecimento acadêmico. Isso significa que ao retornarem para a instituição de ensino, professores e alunos que participarem das ações de Extensão Universitária trarão para a instituição um aprendizado que, submetido à reflexão, acrescentará ao conhecimento já sedimentado.

Ainda segundo o mesmo autor, essa troca entre Universidade e sociedade possibilita a produção de um novo conhecimento, o popular, que se juntando ao academicismo produz as mudanças desejadas. Com isso, busca a autonomia da própria comunidade a que serve, evitando, desta forma, a dependência e assistencialismo, situações tão comuns em países com elevada taxa de carências de profissionais e baixos níveis de escolarização.

Lima (2002), faz uma reflexão sobre a necessidade de repensar as formas tradicionais de ensino que já não atendem à demanda e não causam o impacto social, alertando sobre a necessidade de se atualizar nossas matrizes discursivas para que possam auxiliar na construção de um novo vocabulário e

“uma nova gramática que materialize e traduza o momento que estamos vivendo, enquanto educadores populares, como seres humanos que desejam viver numa sociedade onde o lucro não seja sua força motriz, mas o bem estar da maioria”, (LIMA, 2002, p. 157).

Lima (2002), evoca o papel da leitura crítica realizada nos círculos de cultura utilizada por Paulo Freire para refletir sobre a possibilidade de uma experiência de alfabetização onde fosse possível eliminar as barreiras sociais e criar uma consciência crítica nos alfabetizados.

Os projetos de Extensão Universitária desenvolvidos sob essa ótica resgatam o processo de educação que extrapola o simples letramento, para criar uma consciência capaz de criticar e reavaliar a situação de alienado do participante no programa.

Buscando a realização de um trabalho de caráter multi e transdisciplinar, a extensão possibilita a realização de atividades acadêmicas que proporcionam a integração de áreas distintas do conhecimento, contribuindo para um novo método de produção do conhecimento acadêmico, evitando o que poderia ser considerado a compartimentação dos conhecimentos da realidade.

A Extensão Universitária vivencia um momento importante para sua consolidação como fazer acadêmico. Entretanto as práticas institucionais por meio do próprio fazer extensionista e das normatizações universitárias necessitam melhor dispor-se diante das funções acadêmica, social e articuladora da Universidade. Este é um grande desafio, tendo em vista que o Plano Nacional de Extensão está longe de ser uma realidade nas Universidades brasileiras.

Para a complexa sociedade em que vivemos, a Extensão Universitária se apresenta como uma das formas de atuação mais eficientes e necessárias, pois a Universidade não é isolada da sociedade no seio da qual está inserida, mas, expressa os desejos dessa mesma sociedade no cumprimento de seu papel social e político.

Nesse contexto, pode-se dizer que a Extensão Universitária sempre esteve associada à ideia de função social da universidade e forma pela qual

poderia intervir junto a setores sociais em sua volta oferecendo algum tipo de assistência. Torna-se claro com isso que a universidade deveria promover por meio da extensão a transposição do saber científico produzido por ela para o saber social.

2.2. TEXTOS QUE DESCREVEM CONCEITOS DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E EXPERIÊNCIAS COM A EXECUÇÃO DE PROJETO NA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA.

Além dos textos já caracterizados também foram consultados outros que apresentaram contribuições, fundamentaram teoricamente esse trabalho e descrevem aspectos das experiências na execução de Projetos na Extensão Universitária. Os alistamos a seguir:

As obras que abordam a Extensão Universitária são inúmeras e, decorrente do crescimento dessa atividade, o número vem crescendo principalmente a partir do final do século passado e começo desse século, incluindo livros, artigos e trabalhos de conclusão de curso abordando a temática.

Dentre as obras de conclusão de curso de pós-graduação, Silva (2011), aborda o tema – a contribuição da extensão na formação do estudante universitário – dissertação na qual tem como objetivo investigar a experiência de aprendizagem de estudantes que participam da Extensão Universitária em uma Universidade privada em Brasília - Distrito Federal.

A proposta do autor é justificada com a apresentação de um arrazoado substancial sobre as contribuições para o aprofundamento e a ampliação de práticas que tenham resultados positivos na aprendizagem dos estudantes da educação básica ou superior. Dessa forma, a pesquisa se tornou necessária, pois investigou de forma qualitativa a experiência de aprendizagem de estudantes universitários em projetos de extensão, identificando competências conceituais, procedimentais, atitudinais e seu desenvolvimento acadêmico-profissional para o compromisso social.

Ainda justificando a realização do seu trabalho, o autor afirma que,

Os projetos de extensão contribuem para a construção de relações mais estritas entre a Universidade e a sociedade, provocando nos estudantes e professores a fuga do encastelamento caracterizado por essas instituições. Além de compreender que as atividades universitárias – ensino, pesquisa e extensão – não visam somente à preparação de profissionais, mas algo mais amplo como a formação para o exercício da cidadania. (SILVA, 2011, p. 15).

Na conclusão de seu trabalho, afirma que a pesquisa desenvolvida com estudantes participantes de projetos de extensão chegou a resultados significativos, como:

Elaboração de novos conhecimentos por meio da prática em um projeto de extensão, a possibilidade de executar atividades profissionais no decorrer do curso, o despertar para questões sociais realizada pela experiência na extensão, relacionar a teoria com a prática e a convivência com o outro como uma aprendizagem relevante (SILVA, 2011, p. 87).

O que se percebe com o resultado da pesquisa realizada é que fica difícil traçar uma linha divisória para saber quem é mais beneficiado pelos projetos de extensão, se os alunos ou se a comunidade onde esses projetos são desenvolvidos. Para ele, a “relação teoria e prática é muito presente na extensão, pois muitos estudantes conseguem perceber em suas atividades extensionistas, os conteúdos estudados em sala de aula” (SILVA, 2011, p. 87).

Todas as obras caracterizadas abordando a questão da Extensão Universitária evidenciaram sua validade e as contribuições tanto para os acadêmicos quanto para a comunidade, mostrando a importância que ela tem na sustentação do tripé no sistema educacional, principalmente nos cursos de graduação, exercendo papel relevante na comprovação da teoria pelos alunos e professores envolvidos nesses projetos.

Moura (2002), analisa a participação da Universidade, por meio de projetos de extensão, visando apresentar uma proposta de solução para a crise econômica existente no Estado de Alagoas em decorrência de dificuldades existentes no setor primário da economia daquele Estado devido ao alto índice de analfabetos atuantes neste setor.

Na perspectiva apresentada, a Extensão Universitária se tornou a coluna em torno da qual se organizaram as ações dos trabalhos, oferecendo os

elementos necessários a realimentação do ensino a ser oferecido para a população rural no Estado de Alagoas e o ensino caracterizado como resultante da prática pedagógica institucional, cujo objetivo foi possibilitar a socialização do saber, eliminando, desta forma, parte das barreiras, o isolamento e a alienação provocados pelo analfabetismo e, ao mesmo tempo, incluindo parte significativa da população no processo de socialização de acordo com as perspectivas oferecidas pela educação.

O exemplo desse projeto possibilita compreender a importância da Extensão Universitária no processo de inclusão social, pois atende essa parcela excluída da sociedade no que ela tem de mais alienante, isto é, o analfabetismo e o isolamento dele decorrente.

Ribeiro (2002), procura analisar a importância de o estudante de fisioterapia vivenciar situações reais no ambiente onde os fatos geradores dos problemas exigirão a atuação desses profissionais numa perspectiva de prevenção anterior ao processo interventivo no tratamento fisioterápico. Nesse artigo é apresentado o projeto de Extensão Universitária que vem sendo desenvolvido pelo Curso de Fisioterapia da Universidade Federal da Paraíba-UFPB, denominado Fisioterapia na Comunidade, no qual os estudantes têm a oportunidade de desenvolver práticas que de outra forma não seriam possíveis, principalmente junto às camadas mais pobres da população, onde a necessidade de atendimento é acentuada. Nesse projeto os estudantes tem contato direto com problemas que enfrentarão na área de recuperação de pessoas com necessidades de atendimento e acompanhamento de um fisioterapeuta.

O desenvolvimento desse projeto foi realizado em parceria com outros da UFPB, possibilitando, além do tratamento, a prevenção de problemas de saúde por meio da educação da família, trabalho feito pelos estudantes, o que provoca um olhar totalmente diferente no conceito de formação profissional, interdisciplinaridade e atuação junto à comunidade. Isso, além de caracterizar-se como um trabalho relevante, agrega outros estudantes e, automaticamente, a criação de novos projetos numa sequência que atenderá à comunidade em áreas cada vez mais distintas e abrangentes.

O desenvolvimento de projetos como esse da UFPB evidencia a importância social da Extensão Universitária e participação dos estudantes nos projetos de atendimento à população no decorrer dos seus estudos de formação acadêmica.

Serrano (2002), discute o conceito de Extensão Universitária ao longo da história das Universidades brasileiras, que passou por várias matizes e diretrizes conceituais, à luz de teorias freirianas, “da extensão cursos, à extensão serviço, à extensão assistencial, à extensão redentora da função social da universidade, à extensão como mão dupla entre universidade e sociedade à extensão cidadã”, (SERRANO, 2002, p. 16), mostrando que historicamente a Extensão Universitária passou por quatro momentos expressivos de sua conceituação e prática: o modelo de transmissão vertical do conhecimento, o voluntarismo, como a ação voluntária sócio comunitária, a ação sócio comunitária institucional e o acadêmico institucional. Nesse trabalho o objetivo foi “produzir uma análise crítica desses conceitos de extensão tomando por fundamento o pensamento de Paulo Freire” (SERRANO, 2002, p. 1).

Também mereceu destaque o artigo publicado nos anais do 2º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária realizado em Belo Horizonte em setembro de 2004, pois nesse artigo a Extensão Universitárias é vista como função acadêmica da Universidade, na perspectiva de uma ação que seja incorporada ao currículo institucional, visando sua inclusão como parte orgânica do currículo na formação de profissionais, “pois a partir da sua dinâmica social se dá a produção das relações interdisciplinares entre prática de ensino e pesquisa” (JEZINE, 2004, p. 1).

A ideia é defendida com a perspectiva de que a Extensão Universitária seja integrada ao ensino e pesquisa, às práticas de ensino voltadas para a prestação de serviços numa perspectiva mais assistencialista ou voltada para o atendimentos das necessidades sociais das camadas populares.

Silva; Quimelli (2002), fazem uma reflexão sobre a Extensão Universitária como espaço de formação profissional para o Assistente Social e as atividades desenvolvidas nos projetos extensionistas no contexto do curso de Serviço Social

da Universidade Estadual de Ponta Grossa-PR, considerando que a universidade se utiliza de “três meios para atingir o objetivo de educar pela ciência, os quais são: ensino, pesquisa e extensão universitária, a qual possibilita à universidade devolver em forma de serviços um pouco daquilo que recebeu da sociedade”. (SILVA; QUIMELLI, 2002, p. 281).

Castro (2002), analisa a crise vivida pela instituição Universidade para definir o seu papel no processo de construção do conhecimento, e nessa perspectiva busca uma saída para a instituição de ensino superior, sendo a Extensão Universitária vista como agregadora, emancipadora e relevante em seu papel na formação dos alunos.

A Universidade deve eliminar ou reduzir ao máximo o distanciamento que foi estabelecido ao longo dos anos por conta do academicismo ou por dificuldade de acesso de significativa camada da população aos ambientes das salas de aula. Ora, para a maioria dos participantes nos projetos de extensão, esse tipo de atividade possibilitou exatamente essa interação entre a população e as universidades, possibilitando-lhes contato com a realidade fora do ambiente acadêmico.

Outro aspecto analisado nesse artigo foi a possibilidade que a Extensão Universitária dá ao aluno de aprofundar os conhecimentos adquiridos em sala de aula, haja vista que durante a execução dos projetos de extensão os temas são abordados com mais profundidade. Entretanto, esse processo vem sendo prejudicado ao longo dos anos, pois a Extensão Universitária sempre recebeu menos atenção nas instituições de ensino, que preferem investir no ensino e na pesquisa. Mas nos últimos quinze anos tem se verificado um maior envolvimento das instituições de ensino na extensão ao perceber que sua função pode agregar tanto para a sociedade quanto para a formação dos estudantes.

Nessa perspectiva a Extensão Universitária pode se estabelecer como uma prática relevante na academia, como um espaço estratégico promotor da integração entre as várias áreas do conhecimento possibilitando com isso a multi e transdisciplinaridade; “potencializa, através do contato de vários indivíduos o desenvolvimento de uma consciência cidadã e humana e assim a formação de

sujeitos de mudança, capazes de se colocarem no mundo com uma postura mais ativa e crítica” (CASTRO, 2002, 14).

Alves (2002), faz uma crítica acerca da vivência de formação no curso de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia, percebendo a “Extensão Universitária como processo acadêmico vinculado à formação ampliada do cidadão, à produção e ao intercâmbio de conhecimentos que visem à transformação da realidade social”, (ALVES, 2004, p. 36). Propõe ainda a utilização da Extensão Universitária como uma possibilidade de participação efetiva da universidade no processo de emancipação da sociedade, na eliminação das barreiras que impedem o acesso aos instrumentos de prática da cidadania e ao exercício dos direitos de cada um, sem os entraves burocráticos. Por meio dela os participantes dos projetos de extensão se veem em situações que de outra maneira não poderiam ocorrer e efetivamente podem comprovar a indissociabilidade do tripé de sustentação do processo educacional: ensino, pesquisa e extensão, bem como sua relação com a sociedade e universidade.

Costa, Santos, Grinspun (2009), propõem uma reflexão sobre a Extensão Universitária como locus para além das práticas articuladas de pesquisa e de ensino na Universidade, o que inclui a possibilidade de construção da interlocução da práxis pedagógica e intelectual com a sociedade.

A proposta das autoras nos faz refletir sobre a importância do papel da universidade como produtora do conhecimento e responsável por sua inserção social, visando a integração da sociedade. Fazendo isso já estaremos dando um passo significativo para o cumprimento de sua função geradora e divulgadora do conhecimento para benefício da sociedade, não desempenhando apenas um papel assistencialista, sem que a comunidade tenha poder de decisão sobre o conhecimento produzido.

Afirmam as autoras que “na medida que entendemos que a extensão necessita se afirmar como acadêmica e social ao mesmo tempo, não podemos mais concebê-la sob a ótica da disciplinaridade” (COSTA, SANTOS, GRINSPUM, 2009, p. 357). Quando entendemos que a fragmentação das áreas do conhecimento é uma questão central no processo de formação cultural, quando

se discute o papel social e cultural da universidade, devemos entender que a identidade cultural se faz na contradição e divisão cultural.

Santos (2002), propõe realizar reflexões sobre a Extensão Universitária, enquanto espaço privilegiado de aprendizagem profissional e de relação com o ensino e a pesquisa científica no contexto da Educação Superior brasileira na atualidade.

Segundo o autor, a universidade é vista como entidade que se institui pela sociedade e para a sociedade com a finalidade de produzir aquilo que pode contribuir para a realização das mudanças desejadas, sem a preocupação de se ater ao assistencialismo, pois na medida que se opta por oferecer a extensão com finalidade de assistência o seu papel social de mudança deixa de existir, pois a principal preocupação é a resolução de um problema imediato, mas não a construção de uma cultura que redirecione a sociedade para não perpetrar o assistencialismo característico dos países pobres. Afirma que “para a complexa sociedade em que vivemos, a Extensão Universitária configura-se em uma das formas de atuação mais necessárias, pois a universidade é uma realidade social e política, uma instituição educacional que expressa a sociedade da qual faz parte”. (SANTOS, 2002, p. 155).

No levantamento bibliográfico procurou-se não ser cansativo, haja vista que poderiam ser adicionadas outras obras que tratam do assunto. Portanto, foram utilizados apenas textos que lançassem luzes sobre a temática em questão, ou seja, textos sobre Fundamentos Teóricos, e Textos que descrevem conceitos de Extensão Universitária e experiências com a execução de Projeto na Extensão Universitária.

Poder-se-ia ainda incluir também textos que descrevessem com mais detalhes a execução de Projetos de Extensão, mas isso foi evitado para não incorrer-se no erro de dar ênfase a exemplos de trabalhos realizados com êxito, pois não foi esse o objetivo da presente pesquisa. Antes, o objetivo foi o de chamar a atenção para a necessidade de se adotar a Extensão Universitária como metodologia de ensino e as contribuições que ela oferece. Os textos utilizados bastaram para deixar isso evidente.

2.3. A UNIVERSIDADE: ESPAÇO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

A Universidade é por excelência o espaço para o processo de ensino, da troca, da mudança, da cumplicidade entre quem ensina e quem aprende. Como disse Freire (2013), ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho caminhando. Diferente do conhecimento que se adquire com a experiência, o ensino é sistematizado e necessita da concorrência do método científico.

Na busca pelo saber, o sujeito pode adquirir informações empiricamente, quer dizer, aprendendo a fazer algo sem compreender o nexos causal que dá origem ao fenômeno. Esse conhecimento contribui pouco para promover mudanças significativas no sujeito aprendiz.

Pode ter um conhecimento por experiência como, por exemplo, o modo de dirigir um automóvel sem que tenha a compreensão do processo mecânico que sua ação desencadeia. Pode ainda aceitar, por um comportamento de fé, um ensinamento que lhe é transmitido sem nenhuma consciência de seu conteúdo, como é o caso das superstições. Não se pode, nesses casos, falar em conhecimento propriamente dito ou, pelo menos, em conhecimento científico. (WERNECK, 2013, p. 5).

Nem todo conhecimento obtido pela experiência, entretanto, pode substituir o ensino sistematizado, e é esse ensino que a universidade tem a competência para transmitir, aliás, somente ela formalmente pode fazer isso com o reconhecimento da comunidade científica internacional.

Ao longo do tempo o ensino vem se caracterizando como fenômeno social, capaz de alterar comportamentos e até mesmo a estrutura da sociedade, mudando a maneira de pensar, de agir e de interagir com o meio no qual o cidadão exerce suas atividades. O Ensino é o catalizador da aprendizagem e da formação no processo acadêmico, elemento essencial na construção do conhecimento. Pode mesmo se dizer que sem o ensino não poderá haver conhecimento científico, pois qualquer que seja a área do conhecimento é evidente o seu envolvimento. Este fenômeno ocorre mais facilmente por meio desse processo, porque o ensino, mesmo nas estruturas mais rudimentares da sociedade e nas sociedades mais primitivas, se dá por meio do processo de enculturação – forma pela qual o indivíduo se apropria das exigências de sua própria cultura e adquire valores e comportamentos considerados apropriados ou

necessários para o seu relacionamento social – ou aculturação – termo criado por antropólogos para designar as mudanças que podem acontecer em uma sociedade diante de sua fusão com elementos culturais externos – pois sempre haverá a necessidade de aprender para conviver e contribuir com o meio no qual se vive.

Neste sentido, o trabalho exercido pelas instituições de ensino superior no Brasil, na formação de profissionais, é relevante, pois oferece para a sociedade um profissional que contribui para a melhoria da qualidade de vida dessa mesma sociedade. E para que a universidade ofereça esses profissionais deve também propiciar aos estudantes a convivência com as necessidades sociais, nos ambientes nos quais atuarão, pois ninguém pode atuar efetivamente sem que saiba onde, o que, como, e para quem fazer, no sentido de alterar uma situação.

Além da formação profissional, outra função relevante da universidade é a de servir como espaço para ampliar as possibilidades de ensino e aprendizagem. O espaço acadêmico se constituiu desde a criação das primeiras universidades no século XI, como a Universidade de Bolonha, no ano de 1088, a de Paris, em 1170 ou a de Oxford, em 1175, como local adequado para ampliar o conhecimento, numa dialética constante entre o fenômeno ensinar-aprender-ensinar, pois quem ensina também aprende, e quem aprende necessariamente contribui para o crescimento de quem está ensinando, já que o ensino é uma via de mão dupla, onde sempre haverá modificações no modo de pensar, de ver o mundo, a partir de cada experiência. Da mesma forma que não pode haver aprendizado sem mudança, também não pode haver ensino sem a influência de quem o faz.

Aliás, uma das ideias que marcou o aparecimento dessas instituições foi exatamente a possibilidade de ampliar o conhecimento e torná-lo acessível ao maior número de pessoas, por isso “universidade”. Esse nome não se deve somente à ampliação do conhecimento, mas também pela ampliação no alcance das pessoas que dela fariam parte. Todas surgiram com o mesmo interesse, que era de oferecer a formação aos representantes da sociedade visando atender a demanda social.

Originalmente as Corporações de Ofício se encarregaram de ditar o que deveria ser feito e como fazer, Giles (2003). Posteriormente essas instituições vão se tornando mais abrangentes e oferecem a maior quantidade possível de conteúdos visando à formação completa para seus estudantes.

Ao longo dos séculos as Instituições Universitárias se tornaram as responsáveis por sua direção e autonomia sobre o que e como ensinar. E, como tal, devem oferecer aos seus alunos todas as condições para que possam obter as informações necessárias que caracterizam cada curso e, de forma plena, possibilitar o acesso a ela. Não se pode dizer, como já foi dito, que ocorre aprendizagem na universidade se não ocorrem transformações na maneira de pensar e agir dos seus alunos. Também não se pode dizer que está havendo mudanças se não há autonomia para que esses mesmos estudantes entendam a dinâmica do processo onde atuarão. Essa foi a primeira preocupação ao se instituir as primeiras universidades, pois as escolas monásticas inicialmente, e posteriormente as escolas catedrálcias, não atendiam à demanda para apresentar um ensino que oferecesse à sociedade o profissional que precisava.

Portanto, mais que possibilitar aos alunos a formação, a universidade deve ter a preocupação de oferecer à sociedade profissionais com as habilidades e conhecimentos de que necessita. Quanto mais esses profissionais egressos das instituições de ensino superior ofereçam respostas condizentes com as necessidades sociais e comunitárias, mais evidenciarão a qualidade do seu ensino, e neste ponto tem reflexo direto a participação dos alunos em projetos de extensão, pois possibilitarão a vivência com as carências sociais. Entendendo como carências sociais, neste trabalho, a perspectiva apresentada pelo IBGE, que considera não apenas o fator renda como decisivo para se ter uma vida digna. Num entendimento mais amplo da pobreza, o IBGE uniu carências sociais às de renda, e verificou que 22,4% da população podem ser considerados vulneráveis, de acordo com a Síntese de Indicadores Sociais 2012. Acesso à educação, seguridade social, a domicílio decente e a serviços básicos, além da renda, compõem o indicador de vulnerabilidade calculado pela primeira vez pelo IBGE. (BRASIL, 2012)

Se a universidade oferecer um ensino de qualidade, capaz de fazer com que o aluno reflita sobre seu papel social, não haverá perda de tempo com alunos

procurando em meio a muitas dificuldades alcançar uma formação que atenda aos seus anseios pessoais e ao mesmo tempo lhes traga retorno, seja de satisfação pessoal ou financeiro, considerando que o ensino oferecido deva ser primeiro questionado e depois partilhado com os estudantes.

Se olharmos o contingente de universitários que abandonam os cursos sem concluir, por falta de identificação com o que está sendo oferecido e o que o aluno pretendia em termos profissionais, poderemos avaliar melhor como o ensino oferecido é incapaz de despertar o interesse e envolvimento acadêmico dos estudantes no processo de formação dos cursos que eles mesmos escolheram.

Nos últimos anos a instituição universitária evidenciando sua preocupação com o fenômeno social, saiu de suas quatro paredes e passou a conviver com a sociedade de forma direta, percebendo suas necessidades e tomando conhecimento de como deve agir para atender a esses anseios. As ofertas de cursos nas instituições de ensino superior, tanto públicas quanto privadas, apresenta as mais variadas possibilidades de escolha. Percebe-se que o elenco é mais abrangente e diferente do que aquele oferecido nas últimas décadas. Esse fato certamente é resultado do olhar da universidade para fora dos seus muros e, nesse caso, o seu ensino vem se tornando mais adequado e eficaz e é exatamente esse papel que ela deve exercer enquanto responsável pelo processo de ensino, pela produção do conhecimento, e sua socialização, com a mudança da qualidade de vida e com seu papel de transformadora dessa mesma sociedade.

Esse processo esbarra, entretanto, na morosidade com que as mudanças ocorrem no país, acostumado ao conservadorismo, onde provocar mudanças é sinônimo de causar desconforto para aqueles que estão com o poder de decisão nas mãos. Como em todas as instituições sociais, na universidade encontramos limites e limitações, de natureza estrutural e institucional e possibilidades que desafiam a criatividade política e organizacional. Entre os limites destaca-se a instabilidade do financiamento para desenvolvimento de projetos, o que acaba em última instância causando sérios prejuízos e prejudicando-os; um modelo jurídico-legal defasado emperrando toda máquina administrativa nas instituições públicas

de ensino. Além disso, uma estrutura acadêmica rígida e conservadora muitas vezes impede ou, no mínimo, dificulta qualquer tentativa de mudança nas direções demandadas pelos alunos e pela sociedade.

Manifestando sobre essa questão o relatório do Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições de Educação Superior Públicas Brasileiras afirma que “em seu conjunto, essas limitações, caso não enfrentadas, colocam em risco o cumprimento da missão da Universidade Pública de produzir um conhecimento capaz de induzir um desenvolvimento ético e sustentável” (Relatório de Política Nacional de Extensão Universitária, FORPROEX, 2012, p. 13).

Mas a universidade não deve se preocupar só com o ensino, embora a maioria das instituições se dedique prioritariamente a esse processo. O tripé que sustenta o modelo educacional brasileiro é formado, além do ensino, pela pesquisa e a extensão.

A pesquisa nas universidades brasileiras é contemplada com mais frequência nos cursos de pós-graduação e, embora isso possa contribuir para a formação do conjunto dos profissionais brasileiros, não atende à demanda, pois porquanto os cursos de graduação geralmente possuam carga horária maior que as previstas nos cursos de pós-graduação, pouco tempo dessa carga horária é utilizado para pesquisa. Além disso, a rapidez com que os cursos de pós-graduação devem ser concluídos não dá tempo suficiente para pesquisas profundas e com mais detalhes, restando projetos elaborados, mas, muitas vezes, sem tempo hábil para execução.

Na verdade, mesmo os estudantes das universidades que em tese deveriam ser orientados para o trabalho de pesquisa em decorrência de projetos políticos pedagógicos mais ousados e abrangentes, também estão mais preocupados com a graduação e a obtenção do título do que em aprofundar seus estudos por meio do desenvolvimento de projetos de pesquisa e extensão.

Observando o desempenho das instituições de ensino no Brasil, verifica-se timidamente o seu envolvimento nos processos de extensão. É sabido que “para a complexa sociedade em que vivemos, a Extensão Universitária configura-se como uma das formas de atuação mais necessárias, pois a universidade é

uma realidade social e política, uma instituição educacional que expressa a sociedade da qual faz parte”. (SANTOS, 2013, p.155).

O modelo atual de educação, firmado no tripé ensino, pesquisa e extensão exige que a escola não limite o ambiente de ensino à sala de aula, mas vá ao encontro da sociedade, que reclama por um atendimento que responda aos seus anseios, com o cuidado, é claro, de não se transformar numa instituição assistencialista, e confundir o papel de produtora do conhecimento e sua socialização transformando-se numa válvula de escape para atender interesses particulares de somente parte da sociedade que deve atender. Como se está a dizer, uma das formas mais eficientes que a instituição de ensino tem para conhecer as necessidades da comunidade em âmbito local, estadual e até nacional é a extensão, que possibilita o encontro entre quem ensina, quem aprende e quem precisa ser atendido, provocando o intercâmbio tão necessário para evitar a alienação da comunidade em relação à universidade, possibilitando à comunidade desfrutar do serviço oferecido.

Sem a concorrência da extensão não seria possível ao estudante trabalhar a partir da realidade objetiva, concreta, cooperando assim para a eliminação das barreiras e desigualdades sociais, tornando a sociedade menos injusta.

Por outro lado, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei Federal nº 9394/1996) em seu artigo 43, inciso I e VII, afirma que “a educação superior tem por finalidade: I – estimular a criação cultural e o desenvolvimento do espírito científico e do pensamento reflexivo; VII – promover a extensão, aberta à participação da população, visando à difusão das conquistas e benefícios resultantes da criação cultural e da pesquisa científica e tecnológica geradas na instituição”. (BRASIL, 1996).

A Constituição Federal, no artigo 207, expressa que compete à universidade atender à demanda de aprendizagem do estudante sem dissociar o ensino, a pesquisa e a extensão. Assim cabe à Instituição de Ensino Superior, em caráter geral, cumprir o papel que lhe foi designado na legislação brasileira.

A Extensão Universitária, portanto, é parte essencial do processo de ensino, não podendo as instituições negligenciar essa função ou relegá-la a uma situação de exceção. Logo, a prática da extensão pelas IES é essencial para o cumprimento do seu papel social de estender à população todas as possibilidades de desfrutar dos benefícios decorrentes do oferecimento de serviços e profissionais comprometidos e conscientes das necessidades sociais. Desta forma, é imperioso que a Extensão Universitária seja utilizada como meio pelo qual a sociedade possa compartilhar do que é oferecido nos projetos de extensão sem que isso configure um exercício assistencialista por parte da instituição de ensino. Lembrando que “o compromisso social da universidade, presente muitas vezes em sua missão vai além da preocupação com os menos favorecidos e deve também, estar na formação de seus estudantes” (JUNTKE; CARO, 2013, p. 97) e concluem que sem que se forme um profissional consciente ele será incapaz de construir conhecimentos que tragam benefícios para a sociedade.

2.4. A POLISSEMIA DO TERMO EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

A Extensão Universitária oficialmente passou a fazer parte do tripé da educação superior no Brasil a partir da Constituição Federal de 1988, quando em seu Art. 207 afirma que “as universidades gozam de autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial, e obedecerão ao princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão”, e sua regulamentação nos incisos VI e VII do Art. 43 da LDB, Lei 9394/96, quando afirma que a educação superior tem por finalidade: [...] VI – estimular o conhecimento dos problemas do mundo presente, em particular os nacionais e regionais, prestar serviços especializados à comunidade e estabelecer com esta uma relação de reciprocidade; VII – promover a extensão, aberta à participação da população, visando à difusão das conquistas e benefícios resultantes da criação cultural e da pesquisa científica e tecnológica geradas na instituição. (BRASIL, 1988).

Para dar um caráter mais definido ao que está sendo colocado, tendo em vista a polissemia a qual está sujeito o termo extensão, pode-se definir a Extensão Universitária, neste trabalho, como “o processo educativo, cultural e

científico que articula o ensino e a pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre a universidade e a sociedade” (JUNTKE; CARO, 2013, p. 98). Deixando claro que a missão educativa da extensão é a promoção social do homem, sem aliená-lo, mas ao contrário, o engajando na luta pela conquista de seus objetivos e pelos direitos sociais.

Além da definição apresentada, também será considerada a definição, segundo a qual a Extensão Universitária “é a etapa em que o conhecimento científico é colocado à disposição da comunidade interna e externa da universidade”. (SÍVERES, 2013, p. 86).

Compondo a estrutura da educação superior a Extensão Universitária se constitui elemento essencial na formação do estudante universitário brasileiro, pois oferece condições para fixação da aprendizagem, faz com que atue proativamente na sociedade disseminando o conhecimento obtido e efetivamente se envolva num processo de educação continuada. Assim, pode-se dizer ainda que “a extensão é um processo de aprendizagem e de socialização do conhecimento, que ocorre por meio da interação e do diálogo entre a Universidade e a comunidade”. (GONZATTI, DULLIUS E QUARTIERI, 2013, p. 230).

Como processo facilitador da aprendizagem, a Extensão Universitária leva o estudante ao encontro da comunidade a fim de inteirar-se de suas necessidades e oferecer suporte para solucionar os problemas que esta mesma comunidade enfrenta e, ao mesmo tempo, oferece alternativas para o estudante universitário se envolver num processo de formação continuada que extrapola os limites da sala de aula e do campus universitário.

Portanto, analisando a Extensão Universitária, esta deve ser observada sob a ótica desse tripé – aprendizagem, assistência e educação continuada, sem perder de vista que a assistência não deve ser encarada como assistencialismo, visando resolver problemas pontuais da sociedade, mas servir como produtora de conhecimento e cultura que sejam capazes, por si só, de estimularem essas mudanças.

2.5. A EXTENSÃO COMO PRINCÍPIO DE APRENDIZAGEM

Como elemento do processo de aprendizagem a Extensão Universitária possibilita o envolvimento do aluno em situações que dinamizam e facilitam a apropriação de novas informações, agregando valores ao conjunto dos elementos constitutivos da formação acadêmica e profissional. E, de acordo com Viero e Tauchen (2012), se bem exploradas, as características da Extensão Universitária contribuem para as mudanças no processo de ensinar e aprender, decorrentes dos encontros entre alunos, professores e comunidade; tem, além disso, a possibilidade de incorporar, nesses encontros, outros saberes, e de ampliar a capacidade de reflexão sobre as práticas extensionistas.

Ao envolver-se no programa de extensão, o aluno tem a possibilidade de colocar em prática o que foi visto em sala de aula, dando-lhe a oportunidade de confrontar a teoria e a prática numa dinâmica que outros ambientes não têm condições de oferecer.

Como afirma Síveres:

A Extensão Universitária, entre a diversidade de entendimento, pode ser considerada uma diretriz institucional, um processo mediado de construção do conhecimento e uma atividade que aponta para a finalidade do percurso da aprendizagem, qualificando o valor epistemológico, ético e político da instituição, que deve ser vivenciado, cotidianamente, pelos sujeitos acadêmicos e comunitários, pelos processos instituídos e instituintes, e pelos resultados individuais e coletivos. (SÍVERES, 2013, p. 20).

Considerando a Extensão Universitária como princípio de aprendizagem devemos também vinculá-la a um projeto social maior, razão da existência da própria instituição de ensino, que procura qualificar e preparar universitários para o exercício profissional. Ainda como afirmam:

[...] cabe destacar que diferentes estudantes relatam a importância da Extensão Universitária como uma preparação prévia para as disciplinas curriculares, de modo que essa vivência fundamenta a discussão teórica da sala de aula e antecipa a experiência vivenciada nos estágios curriculares, além de aproximar a academia do objeto de estudo. (COSTA, BAIOTTO; GARCES, 2013, p. 67).

Santos (2002), afirma que “tendo em vista a complexidade da natureza da sociedade a Extensão Universitária é uma das formas mais dinâmicas e necessárias”, pois a universidade é uma realidade social e política, uma

instituição que expressa valores e anseios educacionais da sociedade na qual está inserida.

Portanto, o princípio da aprendizagem está intrinsecamente relacionado com o papel desempenhado pela Extensão Universitária enquanto agente de interação entre a universidade e a sociedade, pois enquanto aprendente o universitário não deve se isolar do ambiente no qual atuará após a graduação. Desta forma, enquanto a instituição de ensino transmite os conteúdos necessários para a formação acadêmica, a prática possibilitada pela extensão oferece o diferencial necessário para que o profissional possa atuar de forma a atender aos anseios sociais.

Em outras palavras, a Extensão Universitária é o diferencial que oferece ao estudante a possibilidade de conhecer a realidade na qual desempenhará suas funções enquanto profissional.

Sem o suporte oferecido na execução do processo de Extensão Universitária não seria possível atingir a realidade e a formação ficaria limitada à teoria que nem sempre acompanha a dinâmica que ocorre na sociedade, deixando, por consequência, a formação aquém das necessidades para o exercício profissional.

Podemos perceber essa lacuna no papel da universidade observando que o ensino sempre foi prioridade nos cursos superiores e somente após exauridas as possibilidades de ensino pensou-se na pesquisa como elemento de valor na formação acadêmica. Apenas após a metade do século XX a extensão passou a ser utilizada com mais intensidade, caracterizando-se assim fator determinante na formação nos cursos superiores.

A universidade não pode enclausurar a aprendizagem ao que podemos chamar de conjunto teórico, mas ao contrário, deve fazer com que seja comunicado para a sociedade o que ela oferece enquanto agente de transmissão do conhecimento para esta mesma sociedade. E esse processo de transmissão do conhecimento efetuado por estudantes enquanto partícipes dos projetos de extensão constitui-se efetivamente em um dos meios mais importantes de aprendizagem e que poderá fazer o diferencial no exercício profissional.

Ainda no dizer de Santos (2002), a extensão, incluindo aí sua prática, é relevante como fonte de aprendizagem e dinamização do conhecimento “artístico, científico, tecnológico e cultural” produzido nas instituições de ensino, permitindo a interdisciplinaridade, contribuindo, por meio de ações, com a formação cidadã e profissional dos acadêmicos, dando-lhes a oportunidade de exercer sua profissão “a partir da realidade objetiva, concreta existencial e cooperar para a construção de uma sociedade justa, democrática e equânime” (SANTOS, 2002, p. 156). E, para que isso aconteça faz-se necessário que se evite transformar a Extensão Universitária em meio de ganho financeiro e, para tanto, as atividades extensionistas devem ter caráter absolutamente social de tal maneira que dê voz àqueles que são marginalizados, que tem seus direitos cerceados por uma sociedade capitalista, que procura a manutenção do *status quo* sem a preocupação com o rompimento das desigualdades sociais e a exclusão de uma significativa camada da sociedade.

Ao encerrar este ponto do trabalho sobre a extensão como princípio de aprendizagem será destacado o resultado da pesquisa de Costa-Renders e Silva (2013) apresentando o quadro com uma síntese dos eventos mais importantes que constituíram a discussão sobre a Extensão Universitária no Brasil:

Ano	Evento	Contribuição da extensão para a aprendizagem
1911	Universidade de São Paulo -USP	Atua no oferecimento de cursos e de conferências, sob a influência do modelo inglês
1926	Escola Superior de Agricultura e Veterinária de Viçosa-ESAV	Ata na prestação de serviço, sob a influência do modelo Norte Americano
1931	Estatuto das Universidades Brasileiras (Decreto nº 19.851)	Oferecimento dos cursos e conferências de caráter educacional ou utilitário (Art. 42) A propagação de atividade técnica e científica dos institutos universitários (Art. 35) A difusão de conhecimentos filosóficos, artísticos, literários e científicos, em benefício do aperfeiçoamento individual e coletivo (Art. 109)
959/1960	União Nacional dos Estudante (UNE)	Movimentos culturais e políticos vinculados ao compromisso social. Metodologias que vinculam prática e reflexão
1966	Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)	Cria o Centro Rural de Treinamento e Ação Comunitária (Crutac), que trabalha pela melhoria das condições de vida da população rural.

1966	Projeto Rondon	Proporciona espaços para a atuação de estudantes e docentes junto às comunidades rurais e busca a integração nacional.
1968	Reforma Universitária	Indissociabilidade ensino, pesquisa e extensão. Relação dos cursos, serviços especiais, atividades ensino e os resultado da pesquisa.
1974	Coordenação das Atividades de Extensão (Codae)	Plano de Trabalho Extensão Universitária, com destaque para o atendimento à população e para a troca de saberes acadêmicos e populares, em que as camadas populares podem ser o sujeito da ação extensionista.
1970-1980	Movimentos pela redemocratização do país	Reelaboração da concepção de universidade pública na articulação da extensão com o ensino e a pesquisa.
1983	O encontro FOREXT	Destaca o conceito de ação comunitária, não como consenso, mas como um problema comum.
1987	Criação do FORPROEX	Promove a articulação de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras.
1988	Constituição Federal de 1988	Indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão na universidade (Art. 207).
1996	LDB nº 9.395	Extensão como uma das finalidades da universidade. A possível vinculação à bolsa de estudos.
1996	Plano Nacional de Extensão Universitária (universidades públicas)	Unidade nacional nas temáticas, sendo a extensão relacionada à concepção de universidade cidadã. Viabilidade da solução dos grandes problemas sociais do país pelas ações de extensão universitária.
1999	Criação do	Articulação entre as IES comunitárias em torno da extensão; vinculação entre extensão e a identidade comunitária dessas instituições.
2001	Plano Nacional de Extensão Universitária – Lei 10.172 (universidades públicas)	Propõe que 10% do total de créditos exigidos para a graduação devam ser reservados para a atuação dos estudantes em ações extensionistas (meta 23).
2003	Criação do FOREXP	Promove a articulação de gestores de Extensão das Universidades Particulares Brasileiras em torno da construção de políticas de extensão no País.
2012	Plano Nacional de Extensão Universitária – Lei 10.172 (universidades públicas)	Propõe a integração curricular da extensão, a criação do Sistema Nacional de Avaliação da Extensão e a incorporação dos aspectos formativos da extensão nos projetos pedagógicos dos cursos de graduação.

Fonte: COSTA-RENDERS e SILVA (2013), p. 85-86.

2.6. APRENDIZAGEM A PARTIR DA CONSCIÊNCIA COLETIVA

A aprendizagem nunca foi uma via de mão única, para que ocorra é necessária a concorrência do aprendente e daqueles que se envolvem com o aprendido. Segundo Síveres (2013b):

Na história humana, por meio de uma compreensão longitudinal, é possível recordar, de forma bastante genérica, as distintas possibilidades de aprendizagem. Para isso é oportuno lembrar a contribuição, na Antiguidade, da maiêutica de Sócrates, da busca pelo mundo das ideias em Platão e do contato com o mundo dos sentidos em Aristóteles; no contexto da Modernidade, o mecanicismo de Descartes, o determinismo de Newton e o positivismo de Comte, no período contemporâneo, o interacionismo de Kant, o desenvolvimento genético de Piaget, a influência sociocultural de Vygotsky. Atualmente podem ser indicadas, entre outras, a dimensão do enraizamento de Deleuze, a transdisciplinaridade de Morin e a ecologia dos saberes de Souza Santos” (SÍVERES, 2013b, p. 27).

A Extensão Universitária é uma oportunidade para que o extensionista tenha contato com aqueles para os quais estará repassando a informação, e certamente a inserção dos estudantes em projetos de extensão, durante o processo de formação, contribuirá para uma formação integral dos acadêmicos nos cursos universitários. E, Síveres (2013b), conclui dizendo que:

A Extensão Universitária, entre a diversidade de entendimentos, pode ser considerada uma diretriz institucional, um processo mediador de construção do conhecimento e uma atividade que aponta para a finalidade do percurso da aprendizagem, qualificando o valor epistemológico, ético e político da instituição, que deve ser vivenciado, cotidianamente, pelos sujeitos acadêmicos e comunitários, pelos processos instituídos e instituintes, e pelos resultados individuais e coletivos. (SÍVERES, 2013b, p. 20).

A extensão se mostrou propícia ao processo de aprendizagem a partir do contato com a realidade e a tomada de consciência coletiva das necessidades detectadas pela relação de confiança que se instala entre o extensionista e aqueles que estão sendo beneficiados, no processo de relações humanas que ocorre com o “sentir o outro” e ouvir suas necessidades como ser humano que tem sentimentos, que contribui e reage positivamente ao que recebe.

Esse tipo de aprendizagem a partir da consciência coletiva se dá ao acompanhar passo a passo o processo de crescimento do outro, de seu envolvimento e seu compromisso, a resposta positiva a uma proposta de

mudança da qual ele precisava, mas não havia percebido, e que ao tomar conhecimento disso contribui significativamente para o processo de mudança.

Essa aprendizagem resulta do diálogo aberto sobre as necessidades daqueles que são beneficiados com o processo de extensão, pois se percebe a cooperação que podem oferecer aos estudantes participantes com o conhecimento da realidade. Com isso se valoriza mais o processo de extensão, pois a partir dele passa-se a valorizar mais o outro, principalmente por sua capacidade de contribuir positivamente tanto no processo de extensão quanto com a aprendizagem do extensionista.

É importante ressaltar que a convivência do extensionista com a comunidade ou com a entidade envolvida no processo de extensão resulta em esforço do grupo e não apenas de um indivíduo. Ainda nesse processo, pessoas com opiniões diferentes são agregadas e aumenta significativamente a abrangência da aprendizagem por conta da tomada de consciência coletiva.

Nesse sentido, a Extensão Universitária é um processo pelo qual o estudante se apropria da aprendizagem pela convivência em equipes transdisciplinares, colaborando e recebendo apoio para sua formação na medida em que essa troca propicia um diálogo constante entre os diversos atores envolvidos.

2.7. APRENDIZAGEM A PARTIR DO COMPROMISSO COM A REALIDADE SOCIAL

Essa aprendizagem se dá com a inserção do extensionista na realidade social daqueles com os quais se envolve ao transmitir o conhecimento e contribuir para mudança da realidade social. Ainda de acordo com Almeida (2012), podem ser identificadas as seguintes subcategorias de aprendizagem:

2.7.1. Compromisso Social

Mais do que ter o sentimento de pertencimento àquela comunidade ou entidade na qual o processo de extensão se desenvolve, necessariamente o aluno tomará conhecimento da sua realidade social e, automaticamente, verifica-se a necessidade de promover as mudanças sociais necessárias, pois existe um

compromisso de alterar a realidade, e para isso destaca-se a necessidade de aprender a planejar, fazer adaptações e assumir a responsabilidade com o interesse do outro. O extensionista busca de todas as maneiras oferecer o melhor, já que as pessoas participantes do projeto dependem dele para atingir os objetivos.

Ainda de acordo com Almeida (2012), o compromisso social se caracteriza como um princípio da Extensão Universitária na medida em que impulsiona a capacidade do estudante de interrogar a realidade contemporânea e compreendê-la através do público alvo atendido.

2.7.2. Compreender a Realidade Social e Permitir a Inclusão Social

O processo de extensão permite ao estudante não apenas compreender o outro e identificar suas necessidades, além disso, permite compreender a realidade como um todo. Quando o extensionista atinge esse nível de maturidade e compreensão, facilita também seu entendimento sobre os significados no jogo de forças de uma sociedade capitalista, o que, sem dúvida, influenciará a maneira desse aluno encarar outras situações sociais, muito embora os estudantes se assustem com a realidade nos ambientes nos quais estejam estão desenvolvendo seus projetos de extensão.

É possível compreender e respeitar toda realidade, descobrindo que não existe apenas um nível, mas vários níveis de realidades, e que ao tomar conhecimento dessas outros níveis é possível compartilhar e cooperar com o que eles sabem. Muitos ficam assustados ao perceberem que existem situações críticas, porém, ao se aprofundarem na execução dos projetos, percebem situações ainda piores do que se poderia imaginar.

O conhecimento adquirido quando o estudante enfrenta uma situação real pode contribuir mais decisivamente para seu aprendizado e incrementá-lo significativamente, o que de outra forma não poderia acontecer, e isso torna evidente a importância da extensão no processo de aprendizagem dos universitários.

Neste caso, ao tomar conhecimento da realidade para além do hermético ambiente acadêmico, o extensionista percebe a inclusão social como meio de eliminar as barreiras que impõe a exclusão que vitimam todos aqueles que não tem a oportunidade de se beneficiarem nas mais variadas situações sociais.

2.7.3. Processo de Inovação

Um dos fatores relevantes para os estudantes no processo de extensão é a possibilidade de inovar, não ficar acomodado, com oportunidades de apresentar ideias e oferecer condições para mudanças efetivas na situação. Isso é relevante, pois na sociedade moderna não há lugar para a acomodação, antes, o dinamismo social é intenso e qualquer posicionamento que não seja de busca de melhores condições tende a resultar em retrocesso no complexo desenvolvimento da sociedade.

A sociedade desse novo século exige profissionais dinâmicos, capazes de criar, inovar e estar aberto a novas ideias, contribuir de forma prática para equacionar os diversos problemas que afligem camadas significativas da sociedade. A exigência imposta da presença de profissionais competentes e modernos não poderá ser atendida plenamente se não houver criatividade, adaptação rápida ao novo e resiliência em face de tantas situações a que estão expostos esses profissionais.

2.8. APRENDIZAGENS ADQUIRIDAS PARA A FORMAÇÃO PROFISSIONAL

Três categorias podem ser apontadas como resultado das aprendizagens adquiridas para a formação profissional na Extensão Universitária, ainda segundo Almeida (2012):

2.8.1. Aprender pela Prática e Enfrentar Desafios

Uma das possibilidades de aprendizagem mais efetiva é a decorrente da possibilidade de enfrentar desafios, de atuar em situações onde se exige um posicionamento, decisões e colocar em prática a teoria que é vista no ambiente acadêmico. Nessas situações o extensionista é posto diante de problemas para

os quais deverá buscar soluções que sejam apresentadas na execução de seu projeto de extensão.

Em condições dessa natureza, surgem situações inusitadas para as quais deverá ter iniciativa e apresentar soluções. Além disso, estará lidando sempre com a possibilidade de melhorar o que está sendo feito, e esses desafios estimulam o processo de aprendizagem, tornando-o mais dinâmico, fato que implica estar sempre preparado para refletir sobre a atuação profissional no dia a dia. Nesse sentido, a extensão contribui para o amadurecimento e crescimento profissional do estudante.

2.8.2. Aprender Novas Habilidades: Desenvolvimento Pessoal e Profissional

Outro ganho que se destaca na extensão é que o aluno não fica preso aos limites de uma determinada técnica, mas enfrenta situações diferenciadas que o obrigam a refletir e tomar iniciativa no âmbito profissional oferecendo, desta forma, respostas para questões que vão além de sua área de atuação, o que amplia sua visão profissional. Além disso, o fato de ter que enfrentar e resolver situações de crise pode ajudar na perda da timidez e receio de errar, o que pode ajudar a desenvolver a criatividade e conseqüente aumento de seu conhecimento.

Segundo Almeida (2012), os alunos participantes dos projetos de extensão afirmaram que aprenderam a lidar com a timidez, desenvolveram o lado criativo, aprenderam a falar em público, adquiriram auto confiança, ficaram mais desinibidos, melhoraram a maneira de se expressar e aprenderam a lidar com pessoas diferentes.

2.8.3. Formação Profissional – Teoria X Prática

Lidar com situações reais onde se é obrigado a colocar em prática o que se aprende em sala de aula nem sempre é fácil para o aluno que tende a desarticular a teoria da prática. O trânsito entre os dois espaços e a conexão que deve ser feita não é uma tarefa que se aprende em sala de aula, mas com a prática, encarando situações reais que possibilitarão essa vinculação.

A extensão propicia situações nas quais a teoria pode ser testada, questionada, aplicada, comprovada, sem que o aluno corra o risco de ser punido

se errar. Aliás, a educação deve mostrar que o erro não ameaça o conhecimento, mas que é pela tentativa que se atinge os objetivos de aprendizagem. Não se deve eliminar a possibilidade do erro no processo de aprendizagem, mas o aluno deve aprender a lidar com essa situação e saber tirar proveito disso.

Aprender com mais rapidez, ser criativo ao apresentar sugestões para solucionar problemas, saber lidar com situações reais vivenciadas pela comunidade, ajudar na resoluções de questões que contribuirão para melhorar as condições no ambiente onde as pessoas estão enfrentando as dificuldades, são fatores que somente podem ser percebidos fazendo a conexão entre o que se aprende em sala de aula e o que deve ser feito para resolver crises durante a prática da extensão. Esse processo todo faz com que o aluno aprenda a pesquisar, aprofundar seus conhecimentos em determinada área e colocar em prática o que se descobre.

Não restam dúvidas de que a Extensão Universitária possibilita a inserção dos alunos em situações de crise e novas experiências, pois encarando situações onde são “obrigados” a pensar e apresentar soluções, em seus próprios projetos ou em projetos nos quais se engajaram, há a possibilidade de se dedicarem e se empenharem mais para serem bem sucedidos e seus trabalhos reconhecidos como importantes no âmbito social onde são desenvolvidos. Isto pode fazer com que o processo de aprendizagem possibilite o crescimento e amadurecimento profissional, haja vista que a aprendizagem ocorrerá de forma significativa e não mecanicamente como ocorre muitas vezes em sala de aula. Consequência disso é que muitos alunos nem se lembrem de conteúdos que durante o período de estudos tiveram que se esforçar para aprender a fim de “passar” na prova final.

Na conclusão deste capítulo do trabalho se faz necessário reforçar que entre os aspectos relevantes da Extensão Universitária está a sua contribuição para o processo de aprendizagem dos estudantes, o valor que ela tem na composição da tríade que sustenta o modelo de educação no Brasil, formado pelo ensino, pesquisa e extensão, e que vem recebendo a partir do final do século passado uma atenção especial, principalmente com a criação de mecanismos legais para efetivá-la no processo acadêmico, como o FOREXT – Fórum de Extensão das Universidades e Instituições de Ensino Superior Comunitárias, o

FOREXP – Fórum de Extensão das Instituições de Ensino Superior Particulares e o FORPROEX – Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras.

Outro aspecto relevante a ser considerado no valor da Extensão Universitária é a atenção especial que vem recebendo nos meios acadêmicos com inúmeros trabalhos de conclusão de curso enfocando esse tema e as inúmeras publicações de artigos, o que faz perceber sua importância no processo de formação dos estudantes de graduação.

3 METODOLOGIA

3.1. CARACTERIZAÇÃO DA METODOLOGIA

A metodologia a ser empregada nesta pesquisa é de caráter qualitativo e, com base nos seus objetivos, foi escolhida a técnica da entrevista semiestruturada. A escolha da abordagem qualitativa e do método de coleta de dados está ligada à investigação a ser realizada, tendo em vista a qualidade das produções acadêmicas a partir da extensão e da não existência de projetos de pesquisa sobre essa temática.

Para realização desse trabalho foi utilizado o Banco de Dados da Pesquisa realizada pela equipe de pesquisadores da UCB, que faz parte da carteira dos projetos institucionais da Universidade Católica de Brasília/UCB, e conta com a parceria da Pontifícia Universidade Católica de Goiás/PUC-Goiás, da Universidade Católica Dom Bosco/UCDB, do Fórum de Extensão das Universidades e Instituições de Ensino Superior Comunitárias – FOREXT e da Associação Brasileira das Universidades Comunitárias – ABRUC e se encontra à disposição de estudantes e pesquisadores.

3.2. CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA QUALITATIVA

Inicialmente, pode-se definir pesquisa qualitativa como uma ação em um determinado espaço e tempo onde se localiza um observador no mundo, segundo Denzin; Lincoln (2006). É importante ter em mente que em pesquisas, tanto qualitativas como quantitativas, a realidade objetiva não é apreendida em sua integridade, mas o que é conhecido são apenas suas representações ou fenômenos.

A pesquisa qualitativa é um conjunto de técnicas usadas nas ciências sociais, pelas quais são obtidos dados de um número relativamente pequeno de respondentes, dependendo da escala com que se trabalha, os quais não são analisados com técnicas estatísticas.

De acordo com Bagdan; Biklen (2010), a pesquisa qualitativa tem cinco características básicas:

A fonte direta dos dados é o ambiente natural e o investigador é o seu principal instrumento;

Os dados que o investigador recolhe são predominantemente descritivos;

Os investigadores que utilizam metodologias qualitativas privilegiam o processo em si e não tanto os resultados;

A análise dos dados tende a ser feita de forma indutiva;

O investigador interessa-se, acima de tudo, por tentar compreender o significado que os participantes atribuem às suas experiências.

Gunter (2006), apresenta quatro bases teóricas para a pesquisa qualitativa:

A realidade social é vista como construção e atribuição social de significados;

A ênfase no carácter social e na reflexão;

As condições “objetivas” de vida tornam-se relevantes por meio de significados subjetivos;

O carácter comunicativo da realidade social permite que o refazer do processo de construção das realidades sociais torne-se ponto de partida da pesquisa.

A pesquisa qualitativa está ligada à metodologia usada inicialmente pela antropologia e posteriormente seguida pelas demais ciências. Um pesquisador qualitativo pode pesquisar processos de aprendizagem, visto que as culturas estão sempre em movimento e estão sempre influenciando e sendo influenciadas. A pesquisa qualitativa é um método que se preocupa com a narrativa de cada grupo e indivíduo pesquisados.

Teóricos como Denzin; Lincoln (2006), apresentam a dificuldade em definir a pesquisa qualitativa como um espaço de discussão ou discurso, pois não possui uma teoria ou paradigma próprio. O trabalho dos pesquisadores qualitativos, de uma forma preconceituosa é considerado como não-científico, exploratório ou subjetivo, bem como o pesquisador qualitativo é considerado um cientista da área do conhecimento intitulado *soft sciences*.

A pesquisa qualitativa sofre preconceito por parte de muitos pesquisadores. Um questionamento feito por esses pesquisadores está ligado a pouca possibilidade de fazer generalizações em dados qualitativos. Nesse debate sobre uma metodologia mais eficiente, qualitativa ou quantitativa, Yin (1994), afirma que as pesquisas baseadas em experimentos, não são generalizáveis; o que é generalizado são as proposições teóricas. Dessa forma, tanto a qualitativa quanto a quantitativa podem padecer do mesmo problema. A realidade não pode ser captada em sua totalidade nas pesquisas realizadas pelos diferentes modelos. O que se tem acesso são as representações vistas por meio das lentes nem sempre com focos bem definidos pelos pesquisadores.

Portanto, as entrevistas semiestruturadas, empregadas nessa pesquisa, partem de amostras, ou seja, indivíduos ou grupos restritos. Segundo Turato (2004), as amostras são usadas em pesquisas qualitativas e quantitativas por ser impossível, por razões práticas, abordar todos os sujeitos que compõem o grupo de interesse do pesquisador.

As entrevistas semiestruturadas estão presentes em pesquisas educacionais de base qualitativa. Para o desenvolvimento das entrevistas é necessário um treinamento prévio, antes de sua aplicação, dos grupos selecionados. O objetivo do treinamento prévio é a prevenção de possíveis erros na aplicação das entrevistas por parte do pesquisador entrevistador. Dessa forma, as entrevistas são gravadas para que não ocorra a perda de dados importantes por falta de condições do pesquisador em anotar todas as falas dos entrevistados.

O desenvolvimento da habilidade do pesquisador nas entrevistas é muito importante na execução da coleta de dados. Essa melhoria contribuirá no desenvolvimento de um clima de tranquilidade com os entrevistados. O entrevistado dá as pistas a serem seguidas. O entrevistador deve estar atento ao pesquisado e às pistas que vão sendo manifestadas. O sucesso de uma entrevista depende do entrevistador, por isso a maior dificuldade em pesquisas que utilizam entrevistas é ouvir, pois o entrevistador deve saber ouvir e dialogar com o outro.

Nas entrevistas semiestruturadas é importante decidir quantas pessoas são necessárias para a entrevista. É importante ter um plano bem preparado,

adotar uma postura amigável, ter formalidades na entrevista, tais como táticas verbais e não-verbais. O planejamento vai desde a elaboração das questões à execução da entrevista propriamente dita, Gaskell (2002).

3.3. DESCRIÇÃO DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA

Os participantes dessa pesquisa são estudantes da graduação que desenvolvem ações em projetos de extensão existentes nas três instituições parceiras e em mais 12 Instituições Comunitárias de Ensino Superior – ICES, totalizando 15 instituições, dentre as quais estão instituições com o perfil de Universidade, de Centro Universitário ou Faculdade. Considerando que participam do Fórum de Extensão das Universidades e Instituições de Ensino Superior Comunitárias – FOREXT, aproximadamente cinquenta instituições, a inclusão das instituições participantes se deu por meio de Carta Compromisso firmado pelo responsável institucional da Extensão Universitária.

Para participar das entrevistas semiestruturadas foram convidados de sete a dez estudantes dos vários projetos de extensão, por instituição participante. O convite foi feito pessoalmente pela Pró-Reitoria de Extensão, ou cargo afim, para cada estudante a ser entrevistado e sua seleção se deu a partir das informações dos gestores dos projetos de extensão.

Ao fazer parte dessa pesquisa, o estudante da graduação, necessariamente deveria estar participando há mais de seis meses de um projeto de extensão. Sua participação foi voluntária e não lhe acarretou nenhum prejuízo moral, visto que poderia desistir a qualquer momento. Ao fazer sua adesão, o estudante respondeu a uma entrevista semiestruturada, gravada em aparelho eletrônico, com duração média de trinta minutos. Foi assegurado o sigilo e sua privacidade nessa pesquisa. Se ocorresse algum desconforto ao responder as perguntas feitas pelo pesquisador, o estudante era livre para não respondê-las.

3.4. SOCIALIZAÇÃO DOS RESULTADOS DAS ENTREVISTAS

O presente projeto foi apresentado para aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da UCB. Os benefícios dessa pesquisa foram coletivos e apresentados às comunidades acadêmicas de cada instituição envolvida e

poderia subsidiar o conjunto das ICES, bem como, à formulação de políticas públicas para todas as Instituições de Educação Superior – IES, dentro dos parâmetros regulatórios da educação brasileira. Segundo Bauer e Gaskell (2002), a pesquisa qualitativa é crítica e potencialmente emancipatória. Por isso, seria dado retorno dos resultados alcançados a todos os participantes da pesquisa e às instituições participantes.

3.5. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

A análise qualitativa dos dados foi realizada a partir da coleta durante a pesquisa. A análise durante a coleta é a prática mais comum, seguindo um processo espiral que se inicia com a coleta, análise, organização e interpretação dos dados, Sarantakos (2004).

Nessa pesquisa os dados foram codificados e categorizados. As categorias foram entendidas, segundo Sarantakos (2004), como unidade de informação que comporta eventos e acontecimentos. Já as codificações são os caminhos a serem percorridos. Subdividiu-se em categoria axial e seletiva; na primeira, o pesquisador coloca um eixo através dos dados para ligar os conceitos, e na segunda (seletiva), a análise foi direcionada a uma questão central.

Tendo feito a análise dos dados com os critérios mencionados acima, os resultados esperados foram a percepção da indissociabilidade entre o ensino, a pesquisa e a extensão pelos estudantes; a aprendizagem de novos conhecimentos por meio da participação em projetos de extensão; a mudança de atitude em relação ao compromisso com a sociedade; a correlação entre teoria e prática; e a relevância para sua profissão decorrente da participação em um projeto de extensão.

3.6. TRATAMENTO DOS DADOS

A pesquisa realizada sobre a contribuição da Extensão Universitária na formação dos estudantes procurou responder a três questões fundamentais – como a Extensão Universitária ajudou em sua aprendizagem, como melhorou sua atuação como cidadão e como contribuiu para o seu desempenho profissional,

devendo ser observado que as instituições e os estudantes que participaram da pesquisa são identificados pela letra e número, respectivamente.

As respostas obtidas evidenciaram a importância da participação dos estudantes no projeto e não deixam dúvidas sobre a validade de colocar em prática os projetos de Extensão Universitária, pois contribuem de diversas formas no processo de aprendizagem dos estudantes, contribuem decisivamente na atuação como cidadão e no desempenho profissional ao ingressar no mercado de trabalho.

A análise dos resultados procurou fundamentar-se em três categorias que por sua vez foram divididas em subcategorias:

3.6.1. Primeira – Quais as Contribuições que o Projeto de Extensão Universitária Trouxe para Facilitar seu Processo de Aprendizagem

Muitos dos alunos entrevistados apontaram as contribuições que a participação no projeto de Extensão Universitária trouxe e como contribuíram para envolvê-lo efetivamente no seu processo de formação e no ensino e aprendizagem.

Como foram entrevistados mais de cem alunos e não haveria necessidade de apresentar aqui todas as respostas, optou-se por selecionar aquelas que foram mais claras e que poderiam ser generalizadas por sua recorrência.

Falando sobre as contribuições para facilitar o processo de aprendizagem esse participante, aluno do curso de agronomia, aponta como relevante a importância da prática de estar no local onde se pode comprovar o que se vê na teoria. Em sua opinião, somente a teoria não pode dar ao estudante a possibilidade de compreender todo o processo que ocorre na realidade.

É... eu falo que a prática lá da fazenda escola [...] é um alvo muito importante, porque nunca a teoria vai ter a mesma base que um aprendizado na prática, eu acho que eu e a maioria dos estudantes de agronomia ou de qualquer curso [...] para aprender temos que olhar e tocar com as próprias mãos. Não basta “slides” ou uma aula no quadro... isso é lógico que ajuda... mas eu acho que tendo contato com implemento, com a planta que está estudando, tendo o contato visual e com as mãos pegando e regulando, você mesmo aprende e nunca mais esquece. (Entrevistado A4)

Os alunos a seguir relacionados entendem que somente a teoria não fornece os instrumentos adequados e necessários que possibilitem lidar com os conteúdos como a prática o faz, pois no dia a dia desta, a aplicação da teoria proporciona correções e a aquisição de novos conhecimentos.

Como no setor lidamos com a gestão dos projetos, [...]vejo que a vivência [...] como um processo de aprendizagem, está propiciando a mim maiores conhecimentos nessa área, visto que é engendrado constantemente os materiais teóricos da disciplina de gestão [...]. (Entrevistado A7).

No projeto tive a oportunidade de colocar em prática a teoria que me foi passada em sala de aula. E a troca de informações do que vivenciamos e aprendemos é muito gratificante. (Entrevistado D3).

Os projetos de extensão mostram o que a gente aprende na teoria, ensinam como ocorrem certos processos, e, assim, temos uma noção da realidade bem maior. (Entrevistado E1).

Para esse aluno a possibilidade de comprovar a teoria é importante, pois somente o que é visto em sala de aula não possibilita uma aprendizagem completa.

Ah! Acho a experiência. Você ter o conhecimento e conseguir aplica-lo, [...] eu achei bastante legal, até porque a gente vê muita teoria. Então quando você começa a conviver e apresentar aquilo, acho que é muito satisfatório e também a didática, o conhecimento, a compreensão das diferenças e das culturas, as diferenças de idades, porque do mesmo modo que você apresenta para um, você tem que apresentar para o outro, só que não pensam igual. Então você tem saber malear. Então você vai aprendendo tudo isso, aí foi bem interessante. (Entrevistado A5).

O aluno a seguir entende que é relevante a convivência com a comunidade e que tendo o conhecimento prático a aprendizagem ocorre espelhada e de acordo com a realidade e isto possibilita que a teoria possa ser verificada na prática.

A melhoria do trabalho com os usuários, pois estando presente na comunidade, conhecemos melhor a realidade que está imposta, fazendo assim a relação de teoria-prática. (Entrevistado A6).

Para alguns alunos a experiência no desenvolvimento de projetos possibilita o contato direto com o que lidarão após concluírem seus cursos e já podem antever o que deve ser feito para que sua atuação como profissional

atenda mais eficazmente as necessidades daqueles com os quais lidarão, como é o caso do participante a seguir:

Acredito que o projeto a todo o momento me possibilita aprendizagem para a vida como um todo. Em relação ao curso de Psicologia, o Alfadown desperta a curiosidade em relação ao outro e seu modo de conduzir a vida. Como a Psicologia é uma área que a todo o momento lida com a prevenção, a saúde e o desenvolvimento do sujeito, o projeto me possibilitou vivenciar um pouco do que será trabalhar com pessoas que possuem Síndrome de Down e aprender ferramentas que geram melhores condições para adaptações desses indivíduos. (Entrevistado A7).

Em alguns casos verificou-se que o estudante percebe com a prática que o próprio currículo do curso deve sofrer mudanças para atender a particularidades que somente a prática pode alertar.

Colaboraria muito se no curso de biologia existisse alguma matéria direcionada a revitalização de áreas degradadas e recomposição florística. (Entrevistado B1).

A comprovação da eficiência dos mecanismos sociais de ajuste da sociedade e a necessidade do seu aprimoramento foram destacadas por alunos do curso de Direito participantes do projeto, que viram a necessidade de uma nova abordagem nas políticas públicas decorrentes da aplicação da Lei Maria da Penha.

O tema está intimamente ligado ao Direito, acredito que por meio das noções trabalhadas ao longo do Projeto de Pesquisa o meu TCC terá como objeto a Lei Maria da Penha, buscando, ainda, aprofundar o conteúdo nas políticas públicas. (Entrevistado B2).

A participação em projetos de extensão pode dar ao estudante a convicção de áreas que poderão ser pesquisadas com mais profundidade visando contribuir mais eficientemente com a realidade daqueles que serão objetos de sua atuação como profissional.

Eu tenho certeza que todas as questões levantadas no projeto poderão ser aplicadas diretamente no meu curso, pois a lei Maria da Penha está diretamente ligada ao curso de direito. Além de ser o tema da minha monografia. (Entrevistado B4).

Para alguns alunos participantes do projeto, pode ser comprovada a necessidade de lidar com a realidade para se verificar o que deve ser feito para melhorar o desempenho dos alunos. É necessário conversar, ouvir o que o outro

tem a dizer para que haja interferência na realidade. Isso pode contribuir para o desenvolvimento do curso como um todo, pois o contato com a realidade no campo é sempre enriquecedor.

Ensinamos as crianças através do computador, mas além de tudo falaremos do ensino. A paciência, a perseverança, técnicas para facilitar a aprendizagem e discriminação de certas situações pelos alunos, enfim. No geral, o projeto contribui muito com meu desenvolvimento no curso, poder entrar em contato com o campo sempre nos enriquece. (Entrevistado B6).

Para alguns alunos participantes do projeto de Extensão Universitária, a oportunidade foi útil para se verificar a importância da preparação para o exercício profissional.

Neste caso, o estudante percebe a importância de se capacitar de maneira que possa atender a uma demanda específica e sugere mudanças na estrutura do curso decorrentes dessa necessidade, pois percebe que existem situações que exigem tratamento especial e que muitas vezes não são contempladas. Além disso, a situação que enfrentou durante a participação no projeto o despertou para as particularidades que a profissão que escolheu apresentava, o que exigia capacitação especial.

As aprendizagens que pude perceber serem mais úteis no curso foram principalmente a que tinha que elaborar um plano de aula diferente do plano do ensino regular, pelo fato de ter uma turma em sala de aula hospitalar – espaço não formal de educação. Era preciso fazer um plano de aula flexível e que atendesse às necessidades da turma e que, além disso, este plano de aula ainda deveria considerar fatores como: a variabilidade da faixa etária da turma e o estágio da doença de cada criança/adolescente, fatores que temos que considerar, necessariamente, para a execução das atividades propostas. E sendo o responsável pela turma, precisaria estar sempre preparado para trabalhar uma atividade atrativa, dinâmica e lúdica. Com relação às aprendizagens do projeto que poderiam ajudar na aprendizagem do meu curso acho que Pedagogia deveria incluir em sua grade curricular uma disciplina específica de Pedagogia Hospitalar, por ser um campo ímpar e o fato de em Recife termos somente dois hospitais cumprindo a legislação da obrigatoriedade da sala de aula. (Entrevistado C1).

A participação no projeto de extensão evidenciou para alguns estudantes a importância de se ter o suporte pedagógico durante o período de execução do projeto de extensão e que o papel do profissional pode ir além daquele que é percebido enquanto exerce suas atividades discentes em sala de aula.

Para um bom resultado do trabalho é necessário envolver as questões humanas ao objetivo profissional. Independente de quanto seja idealizado ou bem elaborado um projeto, se não houver a influência da ação humana, certamente não obterá sucesso. No Projeto Saúde Saber no IMIP: acompanhamento pedagógico em sala de aula hospitalar, que além da organização e atenção especial às crianças hospitalizadas, pude contar com o auxílio e atenção especial de toda a equipe da extensão que sempre se colocou à disposição para ajudar, tirar dúvidas; sempre houve a preocupação da extensão com o meu bem estar, principalmente psicológico, diante dos desafios que envolvem o trabalho com pacientes hospitalizados. Descobri que temos mais um espaço para desenvolver nossa profissão, os futuros profissionais de pedagogia e de letras, na sala de aula hospitalar, que a legislação brasileira exige que se cumpra. (Entrevistado C2).

Alguns estudantes perceberam que a realidade nem sempre corresponde ao simplismo que muitas vezes insistimos em manter no ambiente de aprendizagem e que é necessário um novo olhar, um olhar mais crítico e pontual, numa situação para compreender que a realidade pode ser mudada. Os estudantes entenderam que podem existir alternativas para uma situação que parece definitiva, desde que exista interesse em promover a mudança.

Uma nova visão adquirida nas temáticas estudadas. Como podemos citar: a Economia Solidária, como sendo uma nova ferramenta para a sociedade capitalista, no intuito de melhorar a questão da exclusão social, econômica, política em nossa sociedade. E já decidi que meu TCC será um estudo comparativo entre Economia Solidária e Economia Capitalista. (Entrevistado C3).

Nem sempre os alunos se envolvem nos projetos, mas quando ocorre de o estudante procurar desenvolver sua atividade de maneira consciente e crítica os maiores beneficiados são aqueles que desfrutarão do seu trabalho como profissional. Além disso, quando há o envolvimento do aluno sua perspectiva de ver a realidade passa por uma transformação substancial.

Apesar de o meu curso ser de administração e muitas pessoas pensarem que o projeto não tem importância para o curso ou só participarem por algum interesse, participei de coração, o projeto me ajudou na minha postura como ser humano diante da sociedade, ampliando minha formação e despertando minha ética e solidariedade o que certamente vai fazer a diferença na futura carreira. (Entrevistado C5).

Foi opinião de vários participantes dos projetos de extensão a de que a participação na Extensão Universitária foi relevante para agregar *know-how* ao

curso, que sem a participação nesse tipo de prática não teria sido possível acontecer.

O curso de Administração de Empresas dá uma visão da administração, dos administradores, da economia e no projeto a gente consegue ver que é possível as coisas acontecerem de outras formas. [...] O envolvimento nas várias fases do desenvolvimento do projeto agregou muito no meu processo de aprendizagem. (Entrevistado C6).

O projeto me proporciona vivenciar na prática o que o curso só proporciona na teoria. Diversas práticas realizadas complementam o que o curso oferece. (Entrevistado S5).

Por ser um curso de Psicologia, acho que a extensão tem uma riqueza muito grande, trabalhar o contato com o outro é um ponto fundamental para um futuro psicólogo. Além disso, ainda posso destacar os processos de análise que temos feito, que serão fundamentais para o término do curso. (Entrevistado T1).

A convivência com a realidade e a oportunidade de interagir foi relevante, pois a sala de aula não pode oferecer as informações que a realidade do contato com a situação na prática oferece. Além disso, a interação com as pessoas envolvidas pode acrescentar aos estudantes a experiência que farão a diferença quando estiverem atuando profissionalmente.

Ter a oportunidade de ver alguns pacientes com patologias que já tínhamos visto em aulas teóricas e também outras que desconhecíamos e nos pusemos a pesquisar. Também conversávamos com os pais ou acompanhantes, enfermeiros e médicos sobre a causa e diagnósticos de tais doenças. [...] (Entrevistado C7).

Para o estudante a seguir a participação no projeto de Extensão Universitária ofereceu a oportunidade de tomar conhecimento e vivenciar o assunto sobre o qual estava trabalhando na teoria. Sua experiência também serviu para evidenciar a importância da prática nas áreas em que se pretende aprofundar os estudos. Tudo isso ofereceu a possibilidade de apresentar uma proposta efetiva para lidar com o tema que o levou a participar do projeto de extensão – nesse caso o *bullying*.

Como participante de um projeto de extensão sobre *bullying* escolar, aprendi a identificá-lo, assim como saber tratá-lo [...], pois este reflete diretamente no meu cotidiano [...] uma vez que a violência escolar é uma das principais preocupações da sociedade atual. Além disso, [...] as vivências que os projetos proporcionam são de muita importância, pois sem estas experiências ficamos somente na teoria, o que não nos dá uma formação completa. E mesmo com estas vivências ainda temos muito que aprender, para que efetivamente, quando formados ou não, possamos atuar em nossa comunidade [...] a fim de modificá-la para melhor. (Entrevistado E4).

A forma como o aluno seguinte se envolveu no projeto de Extensão Universitária o levou a comprovar a importância de se fazer bem feito o que se pretende na vida profissional em relação aos estudos. Para ele, participar do projeto de extensão foi a emancipação, o desvencilhar das amarras que muitas vezes a teoria impõe e da qual não temos como nos livrar. Mas quando você percebe que aprender significa teoria e prática as coisas tomam forma e você é capaz de conjugar facilmente os dois momentos do processo de ensinar e aprender.

Paciência, resiliência, cooperação, integração, jamais desistir e sempre tentar de novo, [...] Mas a principal aprendizagem dos projetos de pesquisa e extensão que me ajuda em qualquer disciplina do meu curso é que está tudo ligado/conectado, e se você conseguir perceber que conhecimento formal não é uma questão de decoreba e sim de relação entre fatos/acontecimentos e autores estará ligando fortemente o cotidiano de pesquisa/extensão com a sala de aula. Já tive momentos em aulas que por causa dos afazeres nos projetos eu nem mesmo sabia que tinha prova, quanto mais havia estudado para a mesma. Mas aí você chega à sala de aula pensando que vai tirar um zero daqueles bem redondos e no lugar vem um dez, dá vontade de perguntar para o professor se ele não errou a nota. No entanto, de repente você começa a se dar conta que aquele conteúdo já havia visto em algum lugar, lá no projeto X e Y. Percebi então que teoria e prática são uma e por isto os projetos de pesquisa e extensão são tão importantes para nos ensinar a pensar o mundo, criticar, sair dos caminhos já traçados... Criar e recriar o já dito, já pensado e “provado”, desestabilizar as verdades consagradas. [...] (Entrevistado P1).

Pelo depoimento desse outro participante, o projeto de extensão foi o diferencial entre a teoria e prática, pois como estudante conhecia a legislação, mas não tinha a experiência na aplicação e nem mesmo sabia como era aplicada essa mesma legislação. Ao deparar com as incongruências entre teoria e prática a sua participação foi efetiva a ponto de acionar mecanismos do Estado que pudessem corrigir as distorções que ele percebeu durante sua participação no projeto.

O Projeto de extensão que tive a oportunidade de participar tratou, principalmente, sobre os idosos e como eles são tratados pelas mais variadas Instituições de Longa Permanência. Acredito que esse tema tem muita relação com o meu curso, que é o direito, pois, ao estudarmos o Estatuto do Idoso, tivemos a oportunidade de perceber que muitas Instituições não cumpriam alguns requisitos fundamentais para assegurar o bem-estar da pessoa idosa. Ao constatarmos essa realidade, foi possível entrar em contato com a Vigilância Sanitária e até mesmo com o Ministério Público, para que estes, dentro de suas

competências, agissem em prol da defesa dos direitos dos idosos. Com isso, acredito que as aprendizagens que obtive com esse Projeto foram de extrema valia para meu curso, pois, dentre outras coisas, tive a oportunidade de conhecer grande parte da legislação e de órgãos governamentais e não governamentais que protegem os idosos, o que é de suma importância para o curso de direito. (Entrevistado T7).

Pelos depoimentos apresentados pode se perceber que participar de um projeto de extensão possibilitará ao extensionista ampliar suas possibilidades de aprendizagem tendo em vista o contato direto com a comunidade. Esse diferencial tem um significado especial para o aluno que, ao ingressar em um curso superior, não tem ideia da realidade com a qual lidará como profissional. Muitos alunos se surpreenderam ao perceber que não era o que eles imaginavam quando começaram a se envolver nos projetos, mas que aos poucos a realidade fez com que percebessem a relevância da sua participação. Muitos deles extrapolaram a alçada do projeto para interferir como cidadãos naquela realidade. Outros, quando perceberam que a teoria se torna mais viva quando se enfrenta uma situação real passaram a ver com novo olhar sua responsabilidade ao estudar e caminhar em direção ao profissionalismo.

Outro aspecto que chama a atenção nos depoimentos é que nenhum dos entrevistados ficou frustrado com a realidade. Pelo contrário, ao verificar que as coisas não ocorrem como imaginavam, se envolveram com mais interesse nos projetos de extensão, evidenciando a relevância de se conhecer de fato o que está sendo estudado e a importância desse procedimento de ensino.

Por outro lado, entretanto, há também aqueles que participam por mero cumprimento de uma tarefa acadêmica, mas que não tem interesse de se envolver e interferir na situação de fato. Felizmente, nesta experiência, o número desses alunos foi insignificante em relação ao universo dos participantes.

3.6.2. Segunda – Quais Aprendizagens Foram Mais Significativas Durante a Participação no Projeto de Extensão Universitária para sua Atuação Como Cidadão

Muitos entrevistados apontaram as contribuições que a participação no projeto de Extensão Universitária trouxe e que influenciaram sua atuação como cidadão. Cada um se manifestou de forma positiva falando da importância da

prática no projeto de extensão para perceber que seu papel social vai além daquele representado pelo academicismo, mas que efetivamente deverá atuar mais próximo daqueles aos quais pretende servir após a conclusão de seu curso.

Nesta categoria optamos por agregar mais de uma resposta em cada comentário, pois o número de alunos cujas respostas foram aproveitadas foi maior que os da categoria anterior e seria exaustivo comentar cada uma delas separadamente, até porque a maioria das repostas mostram a mesma linha de raciocínio.

De modo geral, os alunos apontaram aspectos que de seu ponto de vista contribuíram diretamente para repensarem a prática da cidadania. Cada um, a seu modo, falou de um aspecto que se tornou mais significativo nesse processo. Desta forma, juntamos as respostas que mais se aproximaram e formamos subcategorias dentro desta categoria

Os depoimentos a seguir nesta subcategoria evidenciam que uma das razões de muitos estudantes se sentirem bem ao participar do projeto de Extensão Universitária foi o fato de contribuírem efetivamente para a solução de problemas que afetavam as pessoas com as quais desenvolviam suas atividades, ao perceberem que poderiam interferir na realidade, modificar a vida das pessoas.

A partir do momento que o aluno observa mudanças na comunidade decorrentes de seu trabalho, a tendência é que fique mais motivado e se aplique ainda mais naquilo que está tendo o retorno, e esse é o diferencial para muitos estudantes.

Uma das causas da evasão no ensino superior, pode-se afirmar, é o desapontamento ao perceber que os estudos nos quais está envolvido não oferecem o retorno prático desejado, fazendo com que os estudantes percam o ânimo e a motivação para continuar seus estudos.

Contribuí com a cidadania dentro do projeto, dentro do meu projeto a gente tem um subprojeto de responsabilidade social, eu não acho nada melhor que a gente exercer a cidadania, [...] e poder ajudar outras pessoas [...] eu trabalho com crianças com deficiência mental e motora que são as crianças da "Pestalozzi" é muito interessante, porque através do projeto da rádio... e quando a gente não está tão legal, quando a

gente se sente um pouco para baixo, a gente vê que tem gente que... não tem tudo que a gente. Às vezes não tem... não tem um movimento de braço, um movimento de pernas, tem dificuldade de fala e ele está tão feliz fazendo aquele projeto... tão feliz de estar desenvolvendo tudo aquilo... vendo você como referência de mercado, como referência de pessoa e você tem que estar bem... você tem que mostrar que você está bem... e é isso que motiva a gente a continuar dentro desse tipo de projeto, por que... cara! É tão legal você ver uma pessoa feliz que está fazendo um negócio que você está desenvolvendo, que você está ajudando a promover, e a gente vê melhora de fala, a gente vê melhora com o movimento dele... a vontade que eles vem, sabe, não pode faltar nenhum dia, porque se faltar eles ficam bravos. Então é muito legal a gente poder participar deste tipo de projeto. Na questão de cidadania, mesmo de você estar exercendo seu papel dentro da sociedade, de estar ajudando as pessoas, é super legal! (Entrevistado A3).

Contribuiu na minha relação com pessoas de baixa renda (catadores e pessoal da limpeza) que me mostraram que as vezes somos felizes e não damos o valor merecido perto dos desafios que essas pessoas têm e mesmo assim sempre estão sorrindo e felizes. A outra parte é que colaborei significativamente com o meio ambiente, ajudando a recuperar e proteger nosso bioma. (Entrevistado B2).

O projeto em que participei tem como um de seus objetivos específicos: “proporcionar à criança/adolescente momentos de reabilitação ocupacional” o que de fato era consumado quando a criança atendida nos momentos que passava na sala de aula, ficava claro que não se sentia tensa ou triste. E nós, estudantes extensionistas, não nos sentíamos apenas trabalhando questões para nossa formação profissional, mas também prestando um serviço à comunidade, o que trazia uma sensação de bem estar muito grande, nos possibilitando ser pessoas úteis e cidadãs. (Entrevistado C1).

O projeto em si já está imbuído neste compromisso e construção da cidadania. E com o projeto pude exercer a cidadania de forma acadêmica e pessoal. A gama de conhecimentos e contribuições em um espaço de atuação não convencional, no caso do hospital, faz com que o nosso dia a dia seja movido pelo exercício constante da ação de ser um cidadão participante e ativo em nossa sociedade. (Entrevistado C3).

Através do projeto consigo exercer uma cidadania verdadeira, onde você leva conhecimentos as pessoas que de repente não tiveram a mesma oportunidade. E nada melhor do que quando você percebe que não está contribuindo apenas para o empresário, e sim para a sociedade e para o país. (Entrevistado D2).

Contribui, no sentido de ajudar a pensar em que lugar na realidade das pessoas eu posso estar atuando na melhoria de qualidade de vida delas com os conhecimentos adquiridos dentro da sala de aula, por exemplo, trazer a sustentabilidade mais próximo a realidade e formas mais corretas de lidar com o meio ambiente onde nos encontramos, são conhecimentos que aprendemos na teoria, sendo que nos projetos de extensão temos a oportunidade de compartilhar com outras pessoas, e ao mesmo também sanar nossas dúvidas. (Entrevistado E7).

Para o exercício da cidadania? Olha, eu acho que é uma coisa muito interessante e motivadora. Porque, por exemplo, no projeto que eu desenvolvo lá na USP, trabalhar com a parte de regeneração óssea, isso vai trazer muitos benefícios para as pessoas. Então, isso, de uma forma

ou de outra, vai ajudar muito a sociedade. Então, eu não sei. Meu conceito de cidadania pode estar errado, assim, em ajudar a sociedade. Mas eu vejo dessa forma, me sinto satisfeito, pois todos os projetos que eu desenvolvi até agora foram com um intuito social muito bom, em termos de melhoria de algum parâmetro, alguma coisa da sociedade. (Entrevistado F4).

Contribui no sentido de a gente começar a pensar mais nas pessoas, porque, vai, curso de arquitetura falando, claro né: as pessoas hoje em dia não tem muito poder aquisitivo para construir moradia, a gente vê tanto essa questão de falta de moradia para as pessoas, isso me faz sair um pouco do mundo que a faculdade oferece, no caso de projetos, enfim, que os professores passam, ou mesmo das matérias, e me faz ver um pouco mais da realidade. Pelo menos para mim, ofereceu essas oportunidades de estudar coisas do cotidiano, que é uma coisa imediata que as pessoas precisam. Então, é pensar mais nas pessoas. (Entrevistado G1).

Lidamos com o exercício da cidadania, quando se lida com crianças e adolescentes que se encontram em vulnerabilidade social, temos que trabalhar colado com os direitos e deveres que nós humanos devemos ter propriedade, então nas oficinas, nas visitas domiciliares, sempre trazemos para as famílias e para as crianças e adolescentes os direitos que eles têm, alertando os programas existentes e os meios que eles podem lutar, mas além de reforçarmos os direitos existentes, falamos o quanto é necessário que cada sujeito saiba seus deveres de cidadãos, sendo pessoas proativas, que busquem sempre o melhor para o meio que vive e para cada um, buscando o melhor. (Entrevistado H8).

As manifestações registradas a seguir, nesta subcategoria, mostram o que os alunos sentiram ao realizar as atividades, pois tiveram a oportunidade de conviver com pessoas que puderam contribuir para que sentissem a importância do outro, o valor que o outro tem, de saber se manifestar na hora certa e contribuir para melhorar a situação.

Contribuiu muito, uma coisa que aprendi [...] no projeto é que devemos sempre ser humildes, sempre, ninguém é melhor que ninguém. Temos sempre que ouvir antes de falar sua opinião, sempre, sempre. Sempre ouvir a pessoa, sempre abaixar a cabeça se estiver errado, antes de abrir a boca para falar qualquer opinião, ou se defender, sempre ser humilde. (Entrevistado A4).

Em relação à cidadania, o projeto contribuiu em excesso, pois me ensinou que as pessoas são mais que suas diferenças e que a todo o momento devemos nos esforçar para ajudar o próximo, pois precisamos de todas as pessoas em todos os momentos. (Entrevistado B1).

O projeto contribuiu para tornar mais humilde, compreensiva, cuidadosa, ajudar o próximo, lidar com melhor com pessoas, tratar todos com igualdade, despertou a solidariedade e a fraternidade. Todas essas aprendizagens fazem com que você se torne um cidadão melhor, mais íntegro. (Entrevistado C5).

Nesta subcategoria registramos os depoimentos dos participantes do projeto de extensão que mostram a importância da convivência com as pessoas da comunidade e a troca de informações e como essa relação contribui para a aquisição de novos conhecimentos e aquisição de experiência.

A aprendizagem baseada na convivência torna-se clara pela maneira como os estudantes responderam a esta questão, e a partir dessa troca o sentido de cidadania tem outra dimensão, mais abrangente, deixando de ser uma relação de mão única onde o profissional tem o conhecimento e a comunidade tem a necessidade desse conhecimento, a comunidade tem um problema e o profissional tem a possível solução.

Nessa relação não há um que detenha o saber e um que precise desse saber. Ambos podem cooperar para que as mudanças ocorram e todos sejam beneficiados. Tanto os alunos quanto os membros da comunidade que recebem os projetos contribuem para a convivência e a construção de uma cidadania consciente. Como disse Paulo Freire:

Numa perspectiva progressista – saber ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção. Quando entro em uma sala de aula devo estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, as suas inibições; um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho – a de ensinar e não de transferir conhecimento. (FREIRE, 2013, p. 47).

Com esta visão ao iniciar um projeto de extensão, mais que levar conhecimentos e informações para mudar as pessoas, os estudantes percebem que também são beneficiados com essa troca, com a abertura para questionar, ser questionado, informar e ser informado, proporcionar mudanças, mas também sofrer mudanças com a dinâmica daqueles com quem estão se relacionando numa constante troca.

[...] é você entender as pessoas, saber como lidar com elas e também a importância da comunidade. Acho que é você saber integrar, passar o conhecimento, transmitir experiência é bem legal! E você conviver e saber das outras pessoas, das experiências delas, a conseqüentemente aprimorar muito o seu projeto. Então é bom as trocas de experiências. (Entrevistado A5).

Os projetos de extensão despertam nos acadêmicos a percepção na comunidade como um local de aprendizado. Nas visitas realizadas aos projetos apresentam-se vários depoimentos de transformação de visão

pessoal, a partir da participação em projetos voltados ao atendimento à comunidade. Para mim, que por vezes tive a oportunidade de conversar com pessoas atendidas por nossos projetos, notei a importância do trabalho realizado e como a vivência em outra realidade contribuiu para tornar esse acadêmico um futuro profissional mais consciente com as demandas da questão social que está posta. (Entrevistado A7).

O projeto simplesmente foi como um desvendando dos olhos, me auxiliou a perceber a importância da minha opinião no meio em que vivo, pois não podemos mudar toda a sociedade de uma vez, mas podemos modificar o ambiente e as pessoas que nos circundam. (Entrevistado B4).

Na verdade eu já tinha uma simpatia pelo tema, buscar o projeto foi apenas para acentuar as minhas dúvidas e esclarecer minhas perguntas, porém contribuiu muito para procurar me envolver mais com o assunto, e prestar mais atenção no que acontece ao meu redor, agora com outros olhos. (Entrevistado B6).

Os projetos que, geralmente, partem da extensão têm uma visão totalmente voltada ao exercício da cidadania. As pessoas que participam da equipe transmitem estes valores e motivam as pessoas a manterem esta conduta também. Ou seja, a extensão além de desenvolver belos projetos, também age como um exemplo a ser seguido. (Entrevistado C2).

Conviver com pessoas de personalidades diferentes nos ajuda a “entender” o mundo. (Entrevistado D6).

Melhorando nos aspectos de ser cidadão mais humano, sensível, aprendendo a ter amor ao próximo, sempre aprendendo a viver com diferenças (social, racial, cultural entre outras) em uma sociedade que dita tantas regras. Aprendem-se também novos conceitos e como lidar nos diferentes tipos de situações que surgem a cada momento. (Entrevistado E3).

Durante todo o tempo que trabalhamos no projeto, conhecemos pessoas de diferentes culturas, com diferentes experiências, bem como com diferentes necessidades. Dessa forma, o maior aprendizado que podemos citar foram os valores que agregamos, pois percebemos que cada pessoa, independentemente de sua etnia ou cultura, tem sim algo para nos ensinar, e nós devemos valorizar essas pessoas, mesmo que não saibam ler ou escrever. Além disso, começamos a olhar para os alunos além dos muros da escola e tentar compreender porque certos alunos possuem determinados comportamentos, para que, assim, nós pudéssemos auxiliá-los. (Entrevistado G3).

Sensibilização. Tenho maior poder de observação e cuidados com minhas atitudes como cidadã e como pessoa. Tenho uma maior consciência de meus direitos (e luto mais por eles) sempre observando primeiro meus deveres. Isto me possibilitou conviver melhor com muitas pessoas que pensam diferente de mim em muitos aspectos. Trabalhando com crianças aprendi a ouvir os mais velhos e conseqüentemente entendê-los melhor. Sou muito grata por isso. (Entrevistado H1).

Aos nos depararmos com tais depoimentos não há como esquecer as palavras de Paulo Freire quando diz que “ensinar exige a corporificação das

palavras pelo exemplo” e numa frase que nos deve levar à reflexão afirma: “não há pensar certo fora de uma prática testemunhal que re-diz em lugar de desdizê-lo. Não é possível ao professor pensar que pensa certo, mas ao mesmo tempo perguntar ao aluno “se ele sabe o que está falando”. (FREIRE, 2013, p. 35-36).

Um projeto de extensão exige necessariamente que se tenha consciência de que o outro não tem apenas necessidade de saber, mas saber para usar o saber na transformação da sua realidade. Neste ponto é necessário lembrar que “como professor preciso me mover com clareza na minha prática. Preciso conhecer as diferentes dimensões que caracterizam a essência da prática, o que me pode tornar mais seguro do meu próprio desempenho” e mais:

o melhor ponto de partida para esta reflexão é a inconclusão do ser humano de que se tornou consciente. Como vimos, aí radica a nossa educabilidade, bem como a nossa inserção num permanente movimento de busca em que, curiosos e indagadores, não apenas para nos adaptar, mas sobretudo para transformar a realidade, para nela intervir, recriando-a, fala de nossa educabilidade a um nível distinto do nível do adestramento dos outros animais ou do cultivo de plantas (FREIRE, 2013, p. 67).

Os depoimentos relacionados a seguir evidenciam que a cidadania não é algo que é oferecido graciosamente, como concessão de algumas pessoas que detêm o poder de oferecer o que o outro precisa, mas essa construção ocorre quando aquele que sabe que o outro precisa, e tem isso à disposição, voluntariamente oferece isso para juntos formarem uma unidade onde o que precisa recebe e quem oferece também é beneficiado com o crescimento do outro, ambos crescem e podem promover as mudanças desejadas. As falas dos estudantes relacionados a seguir deixam clara essa perspectiva.

Possibilitando a aproximação com a comunidade de forma a conhecer quais são suas necessidades e atuar de forma a diminuí-las. (Entrevistado B3).

Bom, poder fazer algo na vida de uma pessoa, algo que pra você não é tão importante, mas para os alunos aqui é de uma enorme felicidade, é extremamente gratificante. Poder ajudar as pessoas a vencerem os desafios, por mais que eles pareçam maiores do que as possibilidades, eu me sinto útil, e gosto de como me sinto quando estou aqui no projeto. (Entrevistado B7).

Através da oportunidade oferecida pela extensão desenvolvida na Faculdade pude desenvolver diversas atividades, pesquisas, leituras e participação em eventos culturais e educacionais. O projeto nos mostrou visões e conceitos novos e deixou exemplos para podermos seguir em

nosso dia a dia. Mostrando, ensinando e conscientizando a todos, como podemos ser melhores para as pessoas e o meio em que vivemos, preservando o nosso ecossistema e melhorando nossas relações humanas, aprofundando, assim, nossos direitos e deveres como cidadãos. (Entrevistado C4).

Exercendo serviços voluntários aprendemos que ao ajudar o próximo estamos ajudando a sociedade e, conseqüentemente, nós mesmos. (Entrevistado D9).

Ajudar o próximo se tornou essencial para mim, agora não consigo pensar só em ir a uma comunidade para coletar dados sem levar algum benefício a esta. (Entrevistado E1).

Ah, em ver as coisas com outros olhos, a gente estando junto com essas pessoas, apesar de eu trabalhar com várias empresas também no escritório, é como se eu estivesse com eles ali nas dificuldades, a gente passa a ver as coisas com outros olhos, porque não é fácil você construir aquilo, e são muitas dificuldades que aparecem.

Contribuiu de forma positiva. Ao trabalhar no ambiente do próprio paciente, é possível nos colocarmos nos eu lugar, sentindo com ele suas necessidades, suas angústias e participando ativamente da comunidade. A cada ação proposta pelo projeto, está presente o exercício da cidadania. (Entrevistado L5).

O que se pode dizer é que depois de participar de projetos de extensão, aprendi a ver que toda situação tem dois lados, além de perceber que todos têm seu papel na sociedade, e que devemos exercê-lo em prol de um objetivo maior, a busca por uma melhor qualidade de vida. (Entrevistado E5).

Contribuiu com a minha formação como ser humano preocupado com o próximo, pois com o Projeto de Extensão você vê de perto as necessidades e desejos das pessoas, isso faz crescer nossa vontade de ajudar. (Entrevistado F1).

Trabalho visando o crescimento de todos em todos os sentidos. (Entrevistado H2).

Foi através do projeto de extensão que tive a oportunidade de sair um pouco do conhecimento teórico e da sala de aula e, com isso, passei a me sensibilizar mais em relação aos problemas sociais. Graças à extensão, pude perceber que a formação acadêmica é importante, contudo, ela fica incompleta se a pessoa não tiver também a formação humanitária. Com isso, posso dizer que o projeto de extensão contribuiu de uma maneira decisiva para o exercício de minha cidadania, pois passei a me preocupar mais com os problemas sociais e pude perceber que a troca de experiência e de conhecimentos com os mais diferentes tipos de pessoas é crucial para o exercício da cidadania, pois é preciso conhecer e aceitar as diferenças e o projeto de extensão contribui para isso. (Entrevistado T7).

Muitas vezes nos passa despercebido as necessidades alheias, mas quando trabalhamos tendo contato com pessoas que têm suas necessidades primárias com dificuldade, queremos ajudar de todas às formas. Uma palavra de apoio, um abraço, um 'olá, tudo bem?' muda muito. O sentir que você é querido e desejado naquele ambiente, como o escolar, faz com que o aluno ganhe uma '*injeção de ânimo*'. (Entrevistado H4).

Pelos depoimentos se percebe o valor do outro, de sentir a necessidade do outro, da empatia nos relacionamentos, da vontade de ver o outro bem e que isso constitui no final um instrumento de transformação não de quem está recebendo o ensino e sendo beneficiado pela execução do projeto, mas, antes, de quem contribui para a mudança e acaba sendo o maior beneficiado.

Os depoimentos nesta subcategoria registram as opiniões nas quais os alunos valorizaram os elementos constitutivos da sua formação enquanto cidadão. Para alguns foi uma surpresa saber que existem outros fatores que devem ser considerados e que contribuem para sua formação como cidadão.

Como afirmam Garcia, Bohn e Araújo (2013):

As atividades de Extensão Universitária são promotoras da aproximação da universidade com a comunidade; articuladoras de saberes acadêmicos; estímulos para a reflexão e para a crítica, indo além do espaço tradicional da sala de aula; e promotoras do deslocamento do espaço de formação para outros locais, favorecendo, assim, o desenvolvimento humano e a transformação social. (GARCIA, BOHN E ARAÚJO, 2013, p. 171).

Tendo esta perspectiva com a Extensão Universitária, nota-se claramente sua importância na formação não apenas do profissional comprometido socialmente, responsável e consciente do seu papel na sociedade, mas também de uma pessoa que sabe da importância do outro na sua própria reconstrução/formação.

Contribui muito porque eu pude ver que existe vários olhares para o mesmo ponto e quando você integraliza esses olhares você começa entender de uma forma mais integradora, por que você conhece as origens, como está se desenvolvendo a população para a formação do cidadão de forma mais integrada, e você começa a descobrir por que está ali e o que tem que fazer para seu crescimento pessoal e do bairro onde você mora, respectivamente. Tem um ditado que diz: “Se você quer mudar o mundo comece mudando você”. Então a mudança é uma coisa que acontece de dentro para fora e não de fora para dentro. (Entrevistado C6).

Todos nós temos condições para exercer nosso papel de cidadãos. E este cidadão sabe que tem direitos e também deveres perante a sociedade. Diante disto o projeto de extensão promove meios de exercermos nossos direitos e deveres. Essas possibilidades são muito positivas para nossa vida. (Entrevistado C7).

Passei a enxergar a sociedade de forma diferente, visitei diversas empresas com situações econômicas muito distintas e mudei meu conceito de “empresa” e de relacionamento com as pessoas, diria que me tornei mais realista com relação a sociedade. (Entrevistado D5).

Bom, eu acho que qualquer aluno ou qualquer pessoa que faz uma universidade acaba tendo uma responsabilidade de dar alguma coisa de volta para a sociedade. Com relação ao projeto, como a gente trabalhou com uma comunidade, enfim, a intenção era desenvolver economicamente aquela região, enfim, eu me senti super importante, acho que até mais motivada pra buscar outros meios de ter este contato com a população e com a comunidade, não ficar só dentro da sala de aula, enfim, saber que eu posso utilizar o que eu aprendo aqui pra modificar alguma coisa ao meu redor. (Entrevistado J5).

Na questão de cidadania contribui bastante, não que eu já não fizesse esta parte antes, mas me tocou muito esta questão do pessoal estar se deslocando daqui, estar conhecendo pessoas novas e estar trabalhando nesta questão de leva-los como empreendedores algo mais a sério, de estar preparando eles para algo maior. Isto pra mim também foi muito importante. (Entrevistado J4).

Acho que toda prática nos ajuda a refletir sobre algumas questões. E o projeto impõe muitas dessas reflexões, que com certeza contribui bastante para nossa formação como pessoas mais conscientes de seu papel no mundo, e na sociedade. (Entrevistada J1).

3.6.3. Terceira – Como a Participação no Projeto de Extensão Universitária Contribui Para a Atuação Como Profissional

Os alunos participantes dos projetos de Extensão Universitária, ao responderem ao questionário semiestruturado, falaram sobre a contribuição da extensão para sua atuação profissional, destacando a importância de se ter o contato com os problemas que enfrentarão no dia a dia de sua profissão, ter condições de oferecer respostas, discutir esses problemas, ouvir e ser ouvido a respeito daquilo que precisa ser feito e como deve ser feito.

A partir da análise das respostas podemos compreender que a Extensão Universitária funciona como um importante elemento na formação do profissional, tanto no aspecto teórico quanto no prático, pois o aluno é colocado em contato com a realidade a partir da qual o olhar crítico desvela a realidade e possibilita o desenvolvimento de ações criativas que venham ao encontro das necessidades das pessoas/comunidade atendidas por esses projetos de extensão, que desperta no extensionista a capacidade para apresentar soluções e que os orientará em decisões posteriores, Sílvia e Quimelli (2013).

Os alunos têm a oportunidade de planejar atividades que podem ser aplicadas em outras situações, tanto no projeto de extensão quanto em situações reais de exercício profissional.

Na questão profissional contribuiu e está contribuindo para esta questão de planejamento de trabalho, independente do que faz hoje. Esta experiência me ajudou na questão do que sou hoje. Eu já tenho, eu administro um escritório, então, me fez crescer nesta parte profissional de planejar, de estruturar, ver onde precisa corrigir, o que precisa melhorar. Isto ajudou bastante no meu crescimento profissional hoje. (Entrevistado J1).

A Extensão Universitária insere o estudante numa dimensão profissional mais abrangente àquela experimentada em sala, pois a convivência com o problema onde ele está ocorrendo, o sentimento de que precisa tomar decisões e a comprovação de que o que fez pode contribuir para melhorar a situação da comunidade dá ao acadêmico a disposição para avançar e aumentar com isso sua experiência profissional.

A experiência de você vivenciar o projeto traz a possibilidade de você enxergar o mercado, de enxergar a concorrência, ter uma visão geral de um todo. Então, você se torna profissional mais compenetrado, um profissional que quer ajudar o próximo, ajudar os outros, quer ser solidário, contribuir com o pouco que você conhece para as pessoas que não tem acesso a informação ou que não tem orientação para fazer determinada (coisa), retomar determinada atitude. (Entrevistado J3).

Os depoimentos a seguir nesta subcategoria não deixam dúvidas de que um dos aspectos mais relevantes relacionado à participação dos alunos nos projetos de Extensão Universitária é a possibilidade de conhecer a realidade, pois muitos alunos vivem no mundo distante da realidade enquanto estudantes. Ao que parece não percebem que a formação acadêmica é um ensaio para a atuação na realidade, e quando essa lhes é apresentada, podendo senti-la e interferir nela, sentem a diferença.

Acredito que o fato de ter imergido a uma realidade totalmente diferente da minha possa contar a favor em um processo de seleção. (Entrevistado J4).

Pôde contribuir de forma positiva, pois convivendo com as dificuldades enfrentadas pela comunidade e paciente atendido, passei a refletir nas ações e intervenções propostas. Repensar planos terapêuticos, individualizando os atendimentos, traz benefícios ao profissional e ao paciente. (Entrevistado L7) Com os conhecimentos adquiridos com o projeto com certeza poderei atuar sempre buscando beneficiar tanto o ambiente onde vivemos, como contribuir com aqueles excluídos

socialmente que não tem ou tiveram as mesmas chances que a maioria de nós.

A economia solidária é um dos espaços onde o assistente social pode se inserir profissionalmente, auxiliando, juntamente com outros profissionais, o fortalecimento e expansão do movimento da economia solidária. Assim, o projeto de extensão proporcionou-me conhecer este espaço, seus valores, bem como a construção de aprendizagens sobre o tema. O conhecimento adquirido através da participação no projeto de extensão contribuirá para minha formação profissional. (Entrevistado N1).

Conforme citei em questão anterior, o vínculo que tenho com escolas, contribui e muito para o meu desempenho profissional, visto que estou me formando para trabalhar em escolas e esse contato inicial já auxilia para as percepções de como funciona as normas escolares, diferentemente daquela visão de aluno obtida até o fim do ensino médio. Dessa forma, quando for começar a lecionar já se tem uma visão um pouco mais abrangente, como se fosse um estágio, desde o primeiro ano. (Entrevistado O3).

Aproximando-me da realidade social, assim, apreendendo a identificar os seus anseios e questionamentos, possibilitando uma pesquisa em busca de resposta a ser devolvida a comunidade, fornecendo-me saberes em todos os aspectos que compõem a Universidade, universalizar o conhecimento. (Entrevistado O6).

Outro aspecto que ficou evidente nos depoimentos, como visto nesta subcategoria, foi a questão do compartilhamento das informações com a comunidade. Os estudantes perceberam a importância de conviver e oferecer à comunidade contribuições que fizeram a diferença.

Os estudantes perceberam que o conhecimento teórico pode ser transformado em ação e, se devidamente comunicado, influenciará a realidade das pessoas que são objetos daquele projeto de extensão

Olhando por esse lado, a Extensão Universitária oferece a possibilidade de o estudante socializar seus conhecimentos eliminando a barreira que existe entre a sala de aula e a comunidade. O aluno pode conjugar teoria e prática numa ação dialógica, fazendo com que o conhecimento extrapole o ambiente da sala, fazendo a aplicação da teoria.

Além disso, fez a diferença para alguns estudantes o fato de ter que falar em público. Embora os trabalhos de seminários em sala de aula ou a apresentação de trabalhos dê aos estudantes a oportunidade de se expressarem, enfrentar uma situação real onde devem falar e apresentar propostas faz com que o futuro profissional melhore sua performance quando iniciar sua atuação.

Eu acredito que o projeto em si, da maneira como ele foi conduzido, me ajudou em vários aspectos, a gente teve que falar em público, expressar as ideias, argumentar, saber ouvir os empreendedores, enfim, os docentes que estavam com a gente neste processo, então eu acho que todos os aspectos do projeto vão influenciar de forma positiva a minha vida profissional. Enfim, até porque eu pude aplicar, simplificar algumas coisas para aquela realidade. Eu acho que este contato mesmo com as pessoas, aprender a usar outras linguagens, se fazer entender, acho que isso foi importante também. (Entrevistado J5).

Olha, acho que mais na parte de comunicação, eu sou um pouco tímida pra poder lidar com o público, com os clientes. (Entrevistado L2).

Como foi amplamente informado pelos extensionistas nesta subcategoria, outro aspecto relevante foi a possibilidade de fazer a aplicação da teoria. Inserir no cotidiano das pessoas aquilo que é visto em sala de aula, mas que por circunstâncias e limitações não pode ser testado. Quando os estudantes saem da sala e se veem diante da realidade, percebem que ao colocar em prática o que foi teoricamente discutido, a própria realidade lhes mostra como a teoria se concretiza.

Não restam dúvidas, a prática é o divisor entre saber e fazer, entre conhecer e comprovar, pois durante a prática é que os estudantes percebem que nem sempre o que foi amplamente discutido poderá ser comprovado e nem sempre aquilo que não foi discutido é descartado por sua inutilidade. A aplicação da teoria tem trazido surpresas, como pode ser visto nos depoimentos a seguir.

O projeto tem oportunizado e permitido uma melhor apropriação e troca sobre a relação teoria e prática (conteúdos desenvolvidos na academia e fazer profissional). O fato de estar inserida no cotidiano profissional tem contribuído significativamente nas intervenções feitas, enquanto docente, em sala de aula, pois a extensão, enquanto prática profissional alimenta a busca pelo conhecimento, aguça o espírito investigativo e a criatividade. Proporciona também uma maior aproximação e reflexões acerca do objeto de intervenção e o fazer profissional neste espaço delimitado, tornando-se necessário uma atitude crítica, propositiva frente à realidade e contexto social. Através desse projeto, é oferecido aos acadêmicos do Curso de Graduação em Serviço Social um campo de prática profissional do Serviço Social na área sócio jurídica, habilitando-os para a intervenção e acompanhamento das situações sociais relacionadas com a justiça, ampliando o acesso aos direitos sociais, individuais e condição de cidadania aos segmentos sociais vulnerabilizados e/ou excluídos do acesso a muitos de seus direitos. Ao mesmo tempo, em que se constitui como um ambiente ampliado de aprendizagem do exercício profissional, oportunizando aos acadêmicos a troca de experiências e informações didáticas pedagógicas nas áreas sociais e jurídicas, proporcionando assim a ampliação de seus

conhecimentos. Através deste espaço presta-se serviços à comunidade de forma gratuita. Este espaço rico em demandas para a intervenção do Serviço Social proporciona além do envolvimento do estudante tanto no planejamento das atividades na instituição, quanto no planejamento de sua ação, bem como oportuniza a sua capacitação para o exercício profissional, oferece a vivência do trabalho multidisciplinar com trabalho e/ou ação conjunta entre Direito e Serviço Social, onde na intervenção se mantém a especificidade de cada área. (Entrevistado N3).

A experiência e o conhecimento que uma pessoa adquiriu em atividades extensionistas vão além do que se aprende dentro de uma sala de aula. Por isso, acredito que quem participa ou já participou de algum projeto de extensão, quando chega ao mercado de trabalho, chega mais preparado e com um diferencial em relação àqueles que nunca participaram. Hoje em dia o mercado valoriza a formação de um profissional completo, ou seja, que tenha não só a formação acadêmica, como também a formação humanitária, e a extensão contribui de maneira decisiva para que a pessoa se torne esse profissional tão visado pelo mercado de trabalho. (Entrevistado T7).

As respostas apresentadas dão margem segura para apontar as vantagens oferecidas pelos projetos de Extensão Universitária no processo de aquisição de aprendizagem, na capacitação para o exercício da cidadania e para o exercício profissional. Também ficou evidente que a educação superior não pode prescindir dessa prática que possibilita ao estudante adquirir experiência, aplicar a teoria e interferir na comunidade na qual estará inserido e onde exercerá sua profissão.

Mas não resta dúvida de que os fatores mais relevantes na prática da Extensão Universitária são a possibilidade que o estudante tem de colocar a teoria em prática, de manter contato direto com o público, poder interferir na realidade social e se expor para ser questionado e questionar sobre o que pretende realizar. E, como alguns estudantes revelaram, até mesmo a possibilidade de falar em público foi visto como importante para facilitar o processo de aquisição da aprendizagem.

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Os dados levantados evidenciam a importância da Extensão Universitária, e dão margem segura para acentuar a utilização desse modelo de ensino na formação dos universitários, pois ficou demonstrado que os alunos participantes de projetos ao longo de sua formação acadêmica têm melhores condições para construir e reconstruir a sua própria formação. Manifestaram de forma clara que a participação nos projetos de extensão foi decisiva para ampliar as possibilidades de aprendizagem.

Também foram indicados vários pontos relevantes nos projetos de Extensão Universitária que contribuíram com o processo de aprendizagem, pois colocaram em prática a teoria, tiveram contato com a realidade social, puderam discutir questões práticas para interferir na realidade da comunidade, foram capazes de se exporem, serem questionados e questionarem, expressaram suas opiniões, sugeriram mudanças decorrentes das experiências nos projetos de extensão e não se omitiram diante da necessidade percebida durante a execução dos projetos.

Quando o assunto foi sobre as contribuições dos projetos de extensão para a prática da cidadania, os alunos não tiveram dúvidas em manifestar de forma segura que a Extensão Universitária, ao colocá-los em contato com a realidade, ao permitir a convivência com as pessoas que necessitavam do trabalho de cada um, despertou um senso de cidadania, de utilidade e de compartilhamento que de outra forma não seria possível ao aluno experimentar.

Quando questionados sobre os pontos positivos dos projetos de extensão para o desempenho profissional, a maioria dos alunos afirmou que não há um substituto para a Extensão Universitária que os capacite para o exercício profissional nos mesmos moldes e dimensões que a extensão possibilita.

4.1. A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA COMO FACILITADOR DO PROCESSO DE APRENDIZAGEM

À pergunta sobre as contribuições da Extensão Universitária para o processo de aprendizagem os extensionistas não tiveram dúvidas em responder

destacando a relevância dos projetos de extensão no incremento da aprendizagem, haja vista que a oportunidade de colocar em prática o que se vê na teoria possibilita um novo olhar sobre a própria teoria, pois “a aprendizagem que é construída com a participação nos projetos de extensão, identificando aprendizagens conceituais, atitudinais e procedimentais, bem como a consequência de seu envolvimento em projetos de extensão para desenvolvimento acadêmico, profissional e compromisso social é mais completa”. (COSTA, BAIOTTO e GARCES, 2013, p. 61).

Pelas informações obtidas, pode-se concluir que a extensão, segundo Costa, Baiotto e Garces (2013), potencializa e estimula a aprendizagem, tornando-a mais humana na medida em que estreita os laços da universidade com a realidade econômica, social, política e cultural, quebrando a visão dualista da razão instrumental, que foi dominante por um longo período nas instituições sociais. Essas conclusões confirmam que

Enquanto a ciência for compreendida de forma linear, a extensão será uma decorrência do ensino e da pesquisa, mas se a compreensão estiver associada à vivência, a Extensão Universitária torna-se um espaço de construção de conhecimentos significativos e de práticas sociais relevantes, de forma que a interação entre a ciência e a vivência, realizada na academia e na sociedade, pode fortalecer um projeto pedagógico e social, desencadeando um movimento de conectividade dialógica. (COSTA, BAIOTTO e GARCES, 2013, p. 62).

Os registros a seguir dos estudantes participantes dos projetos de extensão confirmam o que acaba de ser afirmando.

Acredito que o projeto a todo momento me possibilita aprendizagem para a vida como um todo. Em relação ao curso de Psicologia, o Alfadown desperta a curiosidade em relação ao outro e seu modo de conduzir a vida. Como a Psicologia é uma área que a todo momento lida com a prevenção, a saúde e o desenvolvimento do sujeito, o projeto me possibilitou vivenciar um pouco do que será trabalhar com pessoas que possuem Síndrome de Down e aprender ferramentas que geram melhores condições para adaptações desses indivíduos. (Entrevistado A7).

As aprendizagens mais úteis que percebi no curso foram principalmente as que elaboravam um plano de aula diferente do plano do ensino regular, pelo fato de ter uma turma em sala de aula hospitalar – espaço não formal de educação. [...]. E sendo o responsável pela turma, precisaria estar sempre preparado para trabalhar uma atividade atrativa, dinâmica e lúdica. Com relação às aprendizagens do projeto que poderiam ajudar na aprendizagem do meu curso, acho que Pedagogia deveria incluir em sua grade curricular uma disciplina específica de Pedagogia Hospitalar, por ser um campo ímpar e o fato de que em

Recife temos somente dois hospitais cumprindo a legislação da obrigatoriedade da sala de aula. (Entrevistado C1).

Entendida dessa forma, a Extensão Universitária no processo de aprendizagem contribuiu para que o estudante aprofundasse seus conceitos sobre o que deve conhecer, tanto relacionado ao exercício da sua profissão, quanto aos que se relacionam ao seu desenvolvimento enquanto ser humano, ou seu desenvolvimento pessoal, numa apropriação sempre crescente da aprendizagem significativa.

4.2. A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E A PRÁTICA DA CIDADANIA

À questão de como o projeto de extensão contribui para o exercício da cidadania, as respostas foram esclarecedoras, pois os alunos mostraram o entendimento sobre como a extensão contribui para seu exercício como cidadãos e, de forma mais abrangente, à cultura cidadã.

O quadro a seguir elaborado a partir do universo dos alunos pesquisados sobre o tema deixa evidente que a contribuição para a prática da cidadania é relevante.

Como o projeto de extensão contribui para o exercício da cidadania?	
Percepções	Nº de respostas
Aprender a ajudar os outros	45
Despertar para a política e para os problemas sociais	31
Aprender com os saberes populares	30
Contribuir para a ajuda aos excluídos	26
Ajudar a produzir conhecimento	19
Dialogar sobre nossos problemas – estudante e cidadão da sociedade	18
Formar profissionais conscientes	17
Sensibilizar com os outros	16
Respeitar direitos e deveres	10
Respeitar diferenças sociais e culturais	9
Interiorizar a responsabilidade para sair da situação em que se encontra	7
Ajudar a auferir rendas	5

Fonte: (SILVA, 2013, p. 114)

Os registros a seguir mostram o que significou para os participantes dos projetos de extensão o ganho em termos de prática da cidadania.

Através da oportunidade oferecida pela extensão desenvolvida na Faculdade pude desenvolver diversas atividades, pesquisas, leituras e participação em eventos culturais e educacionais. O projeto nos mostrou visões e conceitos novos e deixou exemplos para podermos seguir em nosso dia a dia. Mostrando, ensinando e conscientizando a todos, como podemos ser melhores para as pessoas e o meio em que vivemos, preservando o nosso ecossistema e melhorando nossas relações humanas, aprofundando, assim nossos direitos e deveres como cidadãos. (Entrevistado C4).

O que se pode dizer é que depois de participar de projetos de extensão, aprendi a ver que toda situação tem dois lados, além de perceber que todos têm seu papel na sociedade, e que devemos exercê-lo em prol de um objetivo maior, a busca por uma melhor qualidade de vida. (Entrevistado E5).

Contribuiu com a minha formação como ser humano preocupado com o próximo, pois com o Projeto de Extensão você vê de perto as necessidades e desejos das pessoas, isso faz crescer nossa vontade de ajudar. (Entrevistado F1).

Os projetos de extensão despertam nos acadêmicos a percepção na comunidade como um local de aprendizado. Nas visitas realizadas aos projetos apresentam-se vários depoimentos de transformação de visão pessoal, a partir da participação em projetos voltados ao atendimento à comunidade. Para mim, que por vezes, tive a oportunidade de conversar com pessoas atendidas por nossos projetos, notei a importância do trabalho realizado e como a vivência em outra realidade contribui para tornar esse acadêmico em um futuro profissional mais consciente com as demandas da questão social que está posta. (Entrevistado A7).

Podemos concluir com as palavras de Juntke; Caro (2013), que a Extensão Universitária emancipadora não se caracteriza como teoria, mas como ponto central da práxis articuladora da teoria e da prática, que permite desvendar os determinantes da realidade social em sua totalidade.

4.3. A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E O DESEMPENHO PROFISSIONAL

Pela natureza do trabalho desenvolvido pelos estudantes durante a execução dos projetos de Extensão Universitária tem-se evidenciado a importância dessa atividade para a atuação do futuro profissional.

Para responder a essa questão foi feita a pergunta: como o projeto de extensão pode contribuir para seu desempenho profissional? A maioria dos alunos participantes dos projetos de extensão afirma que as experiências adquiridas durante a prática é fator decisivo para o êxito no desempenho da profissão. Muitos falam da importância de se colocar em prática durante a fase de

estudos a teoria vista em sala de aula e que será exigida no dia a dia da profissão.

Os registros a seguir relacionados evidenciam a importância da prática extensionista com vistas à prática profissional:

A experiência de você vivenciar o projeto, traz a possibilidade de você enxergar o mercado, de enxergar a concorrência, ter uma visão geral de um todo. Então, você se torna um profissional mais competente. (Entrevistado J3).

Pode contribuir de forma positiva, pois convivendo com as dificuldades enfrentadas pela comunidade e paciente atendido, passei a refletir nas ações e intervenções propostas. Repensar planos terapêuticos, individualizando os atendimentos, traz benefícios ao profissional e ao paciente. (Entrevistado L7).

Eu acredito que o projeto em si, da maneira como ele foi conduzido, me ajudou em vários aspectos, [...] até porque eu pude aplicar, simplificar algumas coisas para aquela realidade, e eu acho que este contato mesmo com as pessoas, aprender a usar outras linguagens, se fazer entender, acho que isso foi importante também. (Entrevistado J5).

Além disso, o estudante universitário deverá ser protagonista de sua própria formação, deverá estar engajado, em contato com a prática e para muitos graduandos uma das melhores oportunidades para fazer esse contato com a prática é a extensão, quando são eleitos projetos que efetivamente os colocarão diante da realidade que é a atuação profissional. Como afirma Santos (2013):

A atividade de extensão tem sua relevância por ser fonte de aprendizagem e oxigenação do conhecimento [...] produzido na universidade, possibilitar a geração de novos conhecimentos de forma interdisciplinar através de suas ações, e contribuir para a formação cidadã e profissional do estudante universitário, oportunizando trabalhar a partir da realidade objetiva concreta existencial e cooperar para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e equânime. (SANTOS, 2013, p. 156).

A Extensão Universitária não pode estar dissociada da prática e é essencial que esteja em harmonia com os projetos políticos-pedagógicos dos cursos oferecidos pelas instituições e direcionados para a aprendizagem profissional, pois para atuar no mercado de trabalho é necessário que o estudante preencha o perfil capaz de associar a teoria e a prática, não limitando seu conhecimento aos aspectos meramente teóricos da aprendizagem. Tendo em mente que a teoria só fará sentido se puder ser comprovada na prática, a Extensão Universitária é o espaço adequado à comprovação de que o ensino

oferecido pelas instituições de ensino em sala não é diferente daquele exigido na prática. Não se pode ignorar que a extensão é a oportunidade mais reconhecida para o estudante experimentar o que foi recebido na teoria em sala de aula e a forma mais eficiente de se questionar o que está estudando no seu processo de formação profissional.

As manifestações espontâneas dos participantes nos projetos de Extensão Universitárias deixa claro que isso deu a eles a oportunidade de colocar em prática o que pode torná-los mais envolvidos com as necessidades da comunidade, ouvir a opinião do outro, manifestar a opinião e expressar o desejo de como as coisas poderiam ser para que o outro tenha noção de como contribuir para resolver os problemas nos quais ele mesmo está envolvido, transformando a situação de modo a melhorar para todos.

Como pode ser percebido, a Extensão Universitária deve objetivar capacitar o estudante para oferecer contribuição social de modo que possa mudar a realidade de forma consciente, entendendo o seu papel como agente dessa transformação, como catalisador de uma mudança que, sem sua atuação, não pode acontecer e, como afirma Santos, é interessante destacar que

as atividades extensionistas não devem se sustentar apenas no seu conjunto de valores e princípios. Estes precisam ser traduzidos e concretizados a partir de mediações que se constroem e se realizam cotidianamente pela atuação profissional na e a partir da realidade social. (SANTOS, 2013, p. 161).

Neste sentido, na busca da formação de uma sociedade consciente, que procura transformar a realidade, torna-se cada vez mais importante o envolvimento e comprometimento de profissionais com visão prospectiva e competência para promover as mudanças capazes de atender aos seus anseios atuando junto à sociedade, e não à parte dela, objetivo alcançado por meio da extensão.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A estrutura do ensino superior no Brasil, a partir da Constituição Federal de 1988, que estabelece a Extensão como partícipe do tripé que sustenta o modelo de ensino, impõe que as instituições de ensino superior, sejam elas comunitárias ou não, (BRASIL, 1988), devem incluir nos programas dos diversos cursos de graduação a Extensão Universitária como parte integrante da grade curricular, com o objetivo de oferecer aos estudantes graduandos a oportunidade de lançar mão dessa ferramenta para incrementar o processo de aprendizagem e o envolvimento efetivo com seus cursos. Mas além de oferecer a opção, as instituições devem deixar claro para os alunos a importância do uso desse instrumento como facilitador do processo de ensino e aprendizagem, na capacitação para o exercício da cidadania e em sua atuação profissional.

As manifestações dos estudantes que participam dos projetos de extensão evidenciam a importância de adotar esse instrumento como parte relevante na formação acadêmica durante a graduação, pois não se encontra alternativa disponível para substituí-la. Algo que ofereça aos estudantes as mesmas condições e opções de crescimento como estudantes, como cidadãos e como profissionais. Não se deve ignorar também a importância da Extensão Universitária para o corpo docente da instituição, pois na extensão, como via de mão dupla na qual instituição de ensino e comunidade ganham, a atuação dos professores, orientando os alunos e abrindo oportunidades para sugestões de projetos, também os beneficiará.

Após a realização da pesquisa podemos assegurar que a Extensão Universitária nas instituições de Educação Superior não recebe o tratamento que deveria receber, se caracterizando ainda como uma situação quase de exceção, da qual poucos estudantes podem desfrutar. É também caracterizada pela falta de estímulo que as instituições dão para que os alunos possam participar de projetos, tolhendo, assim, a oportunidade de alunos e comunidade desfrutarem dos benefícios que podem advir dessa metodologia de ensino.

Devemos ainda delinear os pontos relevantes dos projetos de Extensão Universitária no processo de aprendizagem, haja vista que a maioria dos alunos deixou nítida a impressão de que os projetos dos quais participarem ofereceram condições para um novo olhar sobre o conteúdo e possibilidades de aprendizagem, envolvendo-se na busca de mais conhecimento nas áreas específicas nos respectivos cursos nos quais buscavam formação;

Ao destacarem as situações nas quais se envolveram e tiveram participação efetiva como membros da comunidade, não apenas como estudantes extensionistas, no efetivo exercício da prática da cidadania, restou evidente que é necessário ao aluno manter esse contato com a comunidade, conviva com suas carências e objetivos, bem como contribua para o alcance das mudanças necessárias no processo de transformação social. Neste caso, a Extensão Universitária é relevante para promover esse contato, a simbiose necessária entre Instituição de ensino-comunidade-estudante.

Um modelo de ensino no qual o Estado é patrocinador não poderia ignorar nenhuma possibilidade de qualificação e capacitação dos formandos, mas estimular que práticas como a Extensão Universitária fossem adotadas de modo a que todos pudessem se beneficiar, passando a fazer parte da grade curricular dos cursos.

Enfim, poder-se-ia explorar outras categorias dentre as três que foram abordadas na pesquisa, pois, desta forma, mais condições teríamos para mostrar a importância dessa prática na academia, tendo em vista que “a Extensão Universitária estabelece uma relação teoria/prática, simula o mercado de trabalho e se constitui no campo de aplicação prática, possibilitando a vivência de conteúdos e qualificando a aprendizagem curricular” (COSTA, BAIOTTO e GARCES, 2013, p. 67). Outro aspecto relevante que alguns estudantes destacaram foi a importância da Extensão Universitária como preparação para as disciplinas do currículo, de modo que as vivências durante a execução dos projetos de extensão fundamentam as discussões em torno dos assuntos em sala de aula, e podem antecipar experiências que serão vivenciadas nos estágios, aproximando a academia dos conteúdos a serem estudados.

Concluindo, com o trilogia que estabelecemos para levantar as contribuições da Extensão Universitária buscamos identificar pontos positivos dos projetos de extensão que contribuíram para o processo de aprendizagem, a prática da cidadania e para o desempenho profissional, e esse talvez seja o maior ganho que o estudante pode obter participando de eventos de extensão. Entre os mais de cem estudantes que responderam ao questionário, a maioria afirmou que é uma das melhores formas de antecipar o que poderá ser vivenciado na profissão após concluírem a graduação, confirmando assim as expectativas de que a Extensão Universitária pode contribuir fundamentalmente no processo de aprendizagem, para a prática da cidadania e para o exercício profissional.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Luciane Pinho de. A extensão universitária: processo de aprendizagem do aluno da construção do fazer profissional. In: SÍVERES, Luiz (Org.).

Processos de aprendizagem na extensão universitária. Goiânia, Editora PUC Goiás, 2012. p. 53-77.

ALVES, Tiago Soares. Extensão Universitária e Formação Profissional Ampliada, **Revista de Educação Popular**, Uberlândia, nº 3, setembro de 2004. p. 36-42.

Disponível em <<http://www.seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/view/0008/10679>> acessado em 07.01.2014.

BAGDAN, R; BIKLEN, S.K. **Investigação Qualitativa em Educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Portugal: Porto Editora, 2010.

BRASÍL. Lei 9394. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. 1996.

_____. **Constituição da República Federativa do Brasil**. 35ª ed. São Paulo: Atlas, 2012.

_____. **Síntese dos Indicadores Sociais** – Uma análise das condições de vida da população brasileira – 2012 – IBGE, disponível em <ftp://ftp.ibge.gov.br/Indicadores_Sociais/Sintese_de_Indicadores_Sociais_2012/SIS_2012.pdf> acessado em 03.04.2014.

CALDERON, Adolfo Ignácio. Extensão universitária: revisitando conceitos e práticas institucionais. In CALDERÓN, Adolfo Ignácio, SANTOS, Sonia Regina Mendes dos; SARMENTO, Fanfa Dirléia, (Org.) **Extensão universitária** – uma questão em aberto. São Paulo: Xama, 2011. p. 23-38.

CASTRO, Luciana Maria Cerqueira. **A universidade, a extensão universitária e a produção de conhecimentos emancipadores**. Projeto de Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) – Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro [2002]. Política de Educação Superior/nº 11;

COSTA, Aline Aparecida Cezar, BAIOTTO, Cléia Rosani; GARCES, Solange Beatriz Billig. Aprendizagem: o olhar da extensão. In: **A extensão universitária como princípio de aprendizagem**. Brasília: Liber Livro, 2013. p. 61-80.

COSTA, Patrícia Moneschy Duarte da, SANTOS, Sonia Regina Mendes dos e GRINSPUN, Mirian Paura Sabrosa Zippin. **Extensão Universitária e o campo da Política Cultural**. Meta: Avaliação I Rio de Janeiro, v. 1, n. 3, p. 352-368, set./dez. 2009

COSTA-RENDERS, Elizabete Cristina e SILVA, Luciene Duarte da. A extensão e o alargamento do espaço de ensino-aprendizagem na educação superior. In: SÍVERES, Luiz (Org.). **A extensão universitária como princípio de aprendizagem**. Brasília: Liber Livro, 2013. P. 81-94.

CUNHA, Lenilda Soares. Extensão Universitária Brasileira: as tensões das propostas acadêmicas. In: MELO NETO, José Francisco de (Org.). **Extensão universitária – diálogos populares**. 2002. p. 22-47. Disponível em < http://www.prac.fpb.r/copac/extelar/producao_academica/livros/pa_l_2002_extensao_dialogos_opulares.pdf > Acessado em 01.04.2013.

DEMO, Pedro, **Desafios modernos da educação**. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

DENZIN, Norman K; LINCOLN, Yvonna S. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Trad.: Sandra Regina. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DILLON, J. F. A classification of research questions. **Review of Educational Research**, v. 54, 327-361, 1984.

DUCH, F.F. **Interface extensão universitária e cultura interdisciplinar**. 97 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Braz Cubas. Mogi das Cruzes: 2006.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 45 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2013.

GARCIA, Berenice Rocha Zabbot, BOHN, Letícia Ribas Diefenthaeler; ARAÚJO, Maria Inês Siqueira. Universidade e extensão universitária: Uma relação dialógica entre formação profissional e compromisso social. In: SÍVERES, Luiz (Org.). **A extensão universitária como princípio de aprendizagem**. Brasília: Liber Livro, 2013. p. 171-182.

GASKELL, George. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, Martin: GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002.

GILES, Thomas Ransom. **História da educação**. São Paulo: EPU, 2003

GUADILLA, Carmem Garcia. O compromisso social das universidades. In: CALDERÓN, Adolfo Ignacio, SANTOS, Sonia Regina Mendes dos; SARMENTO, Fanfa Dirléia, (Org.) **Extensão universitária – uma questão em aberto**. São Paulo: Xama, 2011. p. 15-21.

GONZATTI, Sonia Elisa Marchi; DULLIUS, Maria Madalena e QUARTIERI, Marli Teresinha. O potencial da extensão para a formação profissional. In: SÍVERES, Luiz (Org.). **A extensão universitária como princípio de aprendizagem**. Brasília: Liber Livro, 2013. p. 223-244.

IRELAND, Timothy D. Educação de jovens e adultos e extensão universitária: primos pobres. Aproximações para um estudo sobre a educação de jovens e

adultos na universidade. In: MELO NETO, José Francisco de (Org.). **Extensão universitária – diálogos populares**. 2002. p. 48-58. Disponível em < http://www.prac.fpb.r/copac/extelar/producao_academica/livros/pa_l_2002_extensao_dialogos_opulares.pdf > Acessado em 01.04.2013.

JEZINE, Edneide. As práticas curriculares e a extensão universitária. Área temática de gestão da extensão. CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA, 2. 2004, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: [s.l.], 2004.

JUNTKE, Regina Vazquez Del Rio e CARO, Sueli Maria Pessagno. A extensão e o exercício da cidadania. In: SÍVERES, Luiz (Org.). **A extensão universitária como princípio de aprendizagem**. Brasília: Líber Livro, 2013. p. 97-108.

LIMA, Joselita Ferreira. Extensão Universitária: Possibilidades de diálogo entre o saber acadêmico e o saber popular. In: MELO NETO, José Francisco de (Org.). **Extensão universitária – diálogos populares**. 2002. p. 157-179. Disponível em < http://www.prac.fpb.r/copac/extelar/producao_academica/livros/pa_l_2002_extensao_dialogos_opulares.pdf > Acessado em 01.04.2013.

LINS, Maria Helena de França Serrano. Educação Popular e Extensão Universitária – diálogo entre saberes sobre a educação popular. In: MELO NETO, José Francisco de (Org.). **Extensão universitária – diálogos populares**. 2002. p. 123-156. Disponível em < http://www.prac.fpb.r/copac/extelar/producao_academica/livros/pa_l_2002_extensao_dialogos_opulares.pdf > Acessado em 01.04.2013.

MOURA, Tania Maria de Melo. Extensão como Eixo de Articulação entre o Ensino e a Pesquisa. O combate ao analfabetismo em Alagoas. In: MELO NETO, José Francisco de (.). **Extensão universitária – diálogos populares**. 2002. p. 85-122. Disponível em < http://www.prac.ufpb.br/copac/extelar/producao_academica/livros/pa_l_2002_extensao_dialogos_populares.pdf > Acessado em 15.09.2013.

NOGUEIRA, Maria das Dores Pimentel (Org.). **Extensão Universitária: diretrizes, conceitos e políticas**. Documentos Básicos do Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras. Belo Horizonte: PROEX/UFMG: o Fórum 2000.

RAMIRES, Vera Regina; CAMINHA, Renato. **Práticas em saúde no âmbito da clínica escola: a teoria**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

RIBEIRO, Katia Suely Q.S. Fisioterapia na comunidade: a possibilidade de mudanças na formação acadêmica a partir de um projeto de extensão universitária. In: MELO NETO, José Francisco de (Org.). **Extensão universitária – diálogos populares**. 2002. p. 59-84. Disponível em < http://www.prac.fpb.r/copac/extelar/producao_academica/livros/pa_l_2002_extensao_dialogos_opulares.pdf > Acessado em 01.04.2013.

SANTOS, Marcos Pereira dos. **Extensão universitária: espaço de aprendizagem profissional e suas relações como ensino e a pesquisa na educação superior**.

Ponta Grossa: UEPG, (2002). (Conexão UEPG). p. 154-163. Disponível em <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/conexao/article/view/4547>>, acessado em 15.09.2013.

SARANTAKOS, S. **Social research**. New York: Macmillan, 2004.

SERRANO, Rosana Maria Souto Maior. **Conceitos de Extensão Universitária: um diálogo com Paulo Freire**. Disponível em <http://www.prac.fpb.br/copac/extelar/atividades/discussao/artigos/conceitos_de_extensao_universitaria.pdf> acessado em 16.04.2013.

SILVA, Aurélio Rodrigues da. **A Contribuição da extensão na formação do estudante universitário**. Brasília. 2010. 96 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Católica de Brasília. Brasília: UCB, 2010.

SILVA, Soraya Petla e QUIMELLI, Gisele A. de Sá. **A extensão universitária como espaço de formação profissional do assistente social e a efetivação dos princípios do projeto ético-político**. Disponível em <<http://www.revistas2.epg.br/index.php/emancipacao/article/view/83>> acessado em 16.09.2013.

SILVA, Enio Waldyr. Fortalecendo a cultura cidadã dos estudantes universitários – um dos papéis da extensão na universidade. In: SÍVERES, Luiz. **A extensão universitária como princípio de aprendizagem**. Brasília: Liber Livro, 2013b. p. 109-135.

SÍVERES, Luiz. **Universidade: torre ou sino?** Brasília: Universa, 2006.

_____. **Educação superior: princípios, finalidade e formação continuada de professores**. Brasília: Universa, 2010.

_____. **Processos de aprendizagem na extensão universitária**. Goiânia: Editora PUC Goiás, 2012.

_____. (Coord.). **Processo de aprendizagem na extensão universitária – PAEU** [banco de dados]. Brasília: UCB, 2013a.

_____. **A extensão universitária como princípio de aprendizagem**. Brasília: Liber Livro, 2013b.

TURATTO, Egberto Ribeiro. **A questão da complementariedade e das diferenças entre métodos quantitativos e qualitativos de pesquisa: uma discussão epistemológica necessária**. São Paulo: Vetor 2004.

VIERO, Tatiane Vedoin; TAUCHEN Gionara, **Programa de extensão universitária: análise das concepções e perspectivas no âmbito da educação em ciências**. Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul – ANPED SUL, 9. 2012.

WERNECK, Vera Rudge. **Sobre o processo de construção do conhecimento:** o papel do ensino e da pesquisa. Disponível em <[https://www.google.com.br/#q=sobre +o+processo+de+constru%C3%A7%C3%A3o+do+conhecimento+ o+papel+do+ensino+e+da+pesquisa.](https://www.google.com.br/#q=sobre+o+processo+de+constru%C3%A7%C3%A3o+do+conhecimento+o+papel+do+ensino+e+da+pesquisa.)> Acessado em 17.01.2013.

YIN, R. **Estudo de caso:** planejamento e métodos. São Paulo: Bookman, 1994.

ANEXO: Roteiro de Entrevista Semiestruturada

ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

ICES – INSTITUIÇÕES COMUNITÁRIAS DE ENSINO SUPERIOR

Alunos de quinze instituições participaram da pesquisa, em cada uma a participação foi de sete alunos. Para este trabalho foram adotadas as respostas das questões nºs 3, 5 e 6 do questionário alistado abaixo.

1. Quais foram os motivos que o levaram a participar do Projeto de extensão?
2. Quais foram às aprendizagens mais importante que você construiu no Projeto de extensão?
3. Quais as aprendizagens do Projeto que poderiam ajudar na aprendizagem do seu curso?
4. A participação no projeto de extensão o motivo para buscar aprendizagens novas e mais integradas?
5. Como o projeto de extensão contribui para o exercício da sua cidadania?
6. Como o projeto de extensão pode contribuir para com o seu desempenho profissional?
7. Enfim, você gostaria de indicar mais algum aspecto sobre o processo de aprendizagem por meio da extensão?